

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO ACADÊMICO EM PSICOLOGIA



Marcela Mello Ranier

DO GRUPO DE FÃS: CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS

Fortaleza
2009

Marcela Mello Ranier

DO GRUPO DE FÃS: CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS

Dissertação submetida à banca examinadora da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Laéria Beserra Fontenele

**FORTALEZA
2009**

"Lecturis saltem"

Ficha Catalográfica elaborada por
Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593
tregina@ufc.br
Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

R157d

Ranier, Marcela Mello.

Do grupo de fã[s] [manuscrito] : considerações psicanalíticas / por
Marcela Mello Ranier. – 2009.

114f. ; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Dissertação(Mestrado) – Universidade Federal do Ceará,Centro
de Humanidades,Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
Fortaleza(CE),26/09/2009.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Laéria Beserra Fontenele.

Inclui bibliografia.

1-FÃ-CLUBES – ASPECTOS PSICOLÓGICOS.2-FÃS – PSICOLOGIA.3-FÃS –
ATITUDES.4-CELEBRIDADES.5-FREUD, SIGMUND,1856-1939.6-PSICANÁLISE
E CULTURA.7-PSICOLOGIA SOCIAL.8-CANTORES.9-CANTORAS.I- Fontenele,
Laéria Beserra, orientador.II-Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-
Graduação em Psicologia. III-Título.

CDD(22^a ed.) 306.4842

110/09

Marcela Mello Ranier

DO GRUPO DE FÃS: CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS

Fortaleza, 26 de setembro de 2009.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Laéria Beserra Fontenele (orientadora)
Departamento de Psicologia – UFC

Profa. Dra. Betty Bernardo Fuks
Universidade Veiga de Almeida - UVA

Prof. Dr. Ricardo Lincoln Laranjeira Barrocas
Departamento de Psicologia – UFC

À minha mãe, por seu apoio incondicional e por existir.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, por seu interesse nos progressos de minha pesquisa e por discutir situações pertinentes ao meu tema.

Às minhas irmãs, Ana Lúcia e Carol, pela assistência prestada nos momentos difíceis e, antes de tudo, por compartilharem durante nossa infância a admiração por algum ídolo.

Ao meu marido, Leonardo, por sua atenção e paciência nos meus momentos de agonia, até mesmo nas vésperas do casamento, e por sua vontade de me ver vencer.

À minha psicóloga, Denise Studart, por me fazer perceber aquilo que não me era claro, pela compreensão acerca de como me senti ao longo do meu trabalho e, sem dúvida, por seu acolhimento.

À minha madrinha, psicóloga e professora acadêmica, Dra. Elizabeth Ranier M. do Valle, minha fonte de inspiração para prosseguir com meus estudos, por desempenhar nosso ofício com tanta sabedoria e dedicação.

À minha sogra, musicista, também professora acadêmica, Dra. Elba Ramalho, que sempre esteve próxima para aconselhamentos e para dirimir alguma dúvida.

Aos meus demais familiares, em especial a minha avó Teresa, e amigos, por torcerem por mim, cada qual a sua forma.

À minha orientadora, Profa. Laéria Fontenele, por ter caminhado comigo até a conclusão deste trabalho.

À Sarah Riedel, minha amiga, que embora distante, sempre se preocupou comigo.

À Helena Sampaio, revisora da minha tese, que com maestria articulou de uma melhor forma minhas dificuldades textuais.

Aos meus co-orientadores, Profa. Betty Fuks e Prof. Ricardo Barrocas, pela disponibilidade.

Aos participantes dos fã-clubes entrevistados, que contribuíram com seus depoimentos e, com isso, enriqueceram meu estudo.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) pela concessão da minha bolsa de mestrado.

DO GRUPO DE FÃS: CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS

RESUMO

A proposta desta dissertação é compreender os aspectos psíquicos que estão concernidos na dinâmica de um fã-clubes mediada por um objeto de idolatria, tomando como referência o estudo psicanalítico freudiano. O amor por parte do fã pode parecer algo inexplicável à primeira vista, porém é de profunda importância para quem o experimenta, tanto que este fã opta por concentrar-se em grupos voltados para o culto de seu objeto de amor, mantendo uma identidade comum com os outros participantes. No caso a que se refere nossa questão de pesquisa, o que ocorre com o fã, é que ao se unir a outros pares que partilham o sentimento de admiração comum, não se observa a veiculação de qualquer promessa ou possibilidade de melhoria de sua vida ou de seu engrandecimento. Essa questão é um dos núcleos centrais de nossa pesquisa, e, por isso mesmo, trataremos do próprio processo de construção dos grupos de fãs e do modo de relação existente entre os membros participantes dos mesmos, a partir da análise do discurso de fãs pertencentes a fã-clubes. Portanto, o entendimento desse sentimento do fã, tanto no sentido literal como no do universo psíquico, evidencia, por um lado, um laço imaginário que tem uma função particular para o mimetismo e, por outro, uma condição de admiração que possibilita uma abertura para a alteridade e reconhecimento do outro simbolicamente. Outro parâmetro de análise dos fã-clubes são os grupos artificiais analisados por Freud (1921), onde se constatou que o fã-clubes pode ser identificado como um tipo massa que apresenta tanto diferenças como semelhanças em relação a estes grupos.

Palavras-chave: identificação, psicologia das massas, ídolo, fã-clubes.

FANS GROUPS: SOME PSYCHOANALYTICAL CONSIDERATIONS

ABSTRACT

The proposal of this dissertation is to understand the psychic aspects that are concerned in the dynamics of a fan club mediated by an idolatry object, taking as reference the Freudian psychoanalytic study. The love on the part of the fan can seem something inexplicable to the first view, however it is of deep importance for who tries it, so much that this fan opts to concentrate in groups returned for the cult of his/her love object, maintaining an identity common with the other participants. In the case the one that refers our research subject, what happens with the fan, it is that when joining the other ones equal that share the feeling of common admiration, is not observed of any promise or possibility of improvement of his/her life or of his/her enlargement. That subject is one of the central of our research, and, for that reason, we will treat of the own process of construction of the groups of fans and in the way of existent relationship among the participant members of the same ones, starting from the analysis of the speech of fans belonging to fan clubs. Therefore, the understanding of that feeling of the fan, so much in the literal sense as in the one of the psychic universe, it evidences, on one side, an imaginary bow that he/she has a private function for the mimicry and, for other, a condition of admiration that makes possible a recognition of the other simbolic. Another parameter of analysis of the fan clubs is the artificial groups analyzed by Freud (1921/1996), where it was verified that the fan club can be identified as a type mass that introduces as much differences as similarities in relation to these groups.

Keywords: identification, psychology of the masses, idol, fan clubs.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
------------------------	-----------

Capítulo 1

FREUD E O ESTUDO DAS MASSAS

1.1 A proibição do incesto e a origem da cultura: as bases para se pensar a psicologia das massas.....	19
1.2 O individual é social: a psicologia das massas e análise do eu.....	26
1.3 A identificação ao líder na formação das massas.....	31
1.4 O amor como sentimento decorrente da formação das massas.....	38
1.5 A coesão da massa e sua condição.....	43

Capítulo 2

A CONSTITUIÇÃO DOS FÃ-CLUBES SEGUNDO SEUS MEMBROS

2.1 Descrição do fã-clube Tamborim.....	48
2.2 Descrição do fã-clube Pura Sintonia.....	51
2.3 Descrição do fã-clube Brilho Intenso.....	57

Capítulo 3

RESULTADO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

3.1 Caracterização psicológica do grupo fã-clube.....	63
---	----

3.2 Mecanismos identificadores existentes no grupo de fãs.....	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
BIBLIOGRAFIA.....	94
ANEXOS.....	97

INTRODUÇÃO

Freud, ao abordar o sentido dos sonhos, os atos falhos, o esquecimento, chistes, dentre outros, nos ensinou que os acontecimentos banais que presenciamos no cotidiano são dignos de investigação científica e provas de que nossos atos são atravessados por razões de nós mesmos desconhecidas.

O sentimento que o fã direciona para seu ídolo – mais precisamente para artistas – também parece ser, à primeira vista, algo banal e desprovido de sentido e, mesmo que quem o sente não se pergunte por suas razões, tem profunda importância para quem o experimenta. A nossa pesquisa de mestrado visou procurar elementos para compreender, a partir do referencial psicanalítico, os aspectos psíquicos envolvidos na constituição de grupos que se formam em torno de um ídolo.

O interesse por realizar uma pesquisa em torno desse assunto nos foi despertado quando da ocasião de um *show* do grupo KLB (Kiko, Leandro e Bruno) em que fizemos parte da audiência. Esse evento ocorreu no ano de 2003, em um galpão de um clube local, ocasião em que a referida banda estava no auge da sua carreira. Ao chegarmos ao local do evento, cerca de três horas antes do início da apresentação, surpreendemo-nos com a imagem de dezenas de fãs imóveis diante do palco, com suas máquinas fotográficas preparadas, disparando gritos a qualquer sinal de aparição de um dos cantores. Sem sequer tê-los visto, os fãs expressavam suas expectativas pela presença de seus ídolos através de gritos, choro, eminências de desmaios, dentre outras formas de atuação. Parecia que qualquer som provindo da boca de um deles – sendo a maioria do público composto por meninas adolescentes, com a idade em torno de 14 e 15 anos – reverberava na boca de todas, gerando uma comoção grupal.

Como se pode imaginar, muitas dessas fãs sequer se conheciam, mas pareciam estar diante daquilo que intimamente reconheciam e compreendiam como familiar: o amor pelo seu ídolo. Independente da multidão localizada naquele *show*, nossa percepção era a de que cada uma ali se sentia sozinha diante de todos, e qualquer ação proveniente do artista (*tchau*, beijos, flores jogadas...) era percebida como direcionada para si. A necessidade de correspondência era tão grande que, caso essa expectativa vencesse, estavam fadadas ao desmaio – como um sono profundo e momentâneo que não lhes permitisse encarar a realidade.

A partir desse acontecimento, desenvolvemos uma pesquisa visando à escrita de nossa monografia de conclusão de curso de graduação em torno do assunto, no entanto o enquadramento que fizemos do assunto, tratado a partir da concepção platônica do amor e do referencial social pós-moderno para o entendimento da cultura e influência da mídia, nos deixou muitas questões em aberto e não nos levou a uma compreensão efetiva dos aspectos psíquicos que justificam a existência do tipo de relação de identificação, amor e idolatria do fã por seu ídolo.

Inicialmente, o nosso interesse era o de realizar uma pesquisa em torno dessa devoção, mas, devido aos problemas que nos foram apontados por ocasião da qualificação de nosso projeto de pesquisa, resolvemos redimensioná-lo e não mais nos ocupar do problema da devoção do fã ao ídolo, pois nos levaria tão-somente ao problema da idolatria e do carisma, já tão bem analisado por outros pesquisadores, dentre os quais destacamos o ensaio de Lindholm (1993) sobre o fenômeno do carisma. Esse autor aponta que o fenômeno da relação carismática do idólatra ao líder acarreta a perda de identidade por parte daquele. Em seu entendimento, os próprios grupos carismáticos são, normalmente, formados por pessoas provenientes de sociedades que estão sofrendo mudanças desordenadas e bruscas em suas estruturas de base, em seus

modos de funcionamento, devido ao fim de antigos valores, gerando a desestruturação do ego. Portanto, a suscetibilidade para movimentos carismáticos acontece, para o autor, quando há o enfraquecimento de costumes outrora importantes para a localização dos sujeitos. Esse enfraquecimento seria responsável por gerar fenômenos como a ansiedade e a disputa entre pares sociais. Paradoxalmente, esta mesma suscetibilidade do sujeito, em uma sociedade em que os seus pontos de referência não são mais estáveis, viria a provocar sua união com outros sujeitos em grupos. Tal se daria por esses se sentirem desmotivados em empreender a luta em defesa de suas identidades, já bastante deterioradas. Lindholm (1993) parte, assim, da desagregação dos antigos valores para justificar a união de pessoas em um grupo carismático. Podemos conjecturar, então, se o que colabora para a união dos fãs em fã-clubes seria da mesma ordem ou se apontaria para outras questões.

Em todo caso, há, em comum entre a ligação de um grupo em torno de um líder carismático e a ligação dos fãs ao ídolo, a mediação de uma pessoa idealizada como fator de ligação entre os membros de grupo. O foco da nossa pesquisa, portanto, recairá sobre os aspectos psíquicos que estão envolvidos na produção desse tipo de sociabilidade mediada por um objeto de idolatria.

Nos casos das massas em que o líder veicula uma promessa, um ideal utópico ou algo dessa mesma natureza, observa-se que a vinculação de um indivíduo a uma massa é mediada pela ilusão ou possibilidade de alcançar algo desejado. Mas, no caso a que se refere nossa questão de pesquisa, o que ocorre com o fã é que, ao se unir a outros pares em fã-clubes, não se observa a veiculação de qualquer promessa ou possibilidade de melhoria de sua vida ou de seu engrandecimento. Essa questão é um dos núcleos centrais de nossa pesquisa, e, por isso mesmo, trataremos do próprio processo de

construção dos grupos de fãs e do modo de relação existente entre os membros participantes desses.

Ressaltamos, em favor do nosso empenho de pesquisa, o fato de que se trata de um fenômeno que, apesar de comum e tão presente na nossa cultura, ainda não foi objeto de pesquisa. Não há, segundo levantamento por nós realizado, estudos que se dediquem especificamente a massa de fãs organizada em fã-clubes. Acreditamos que tal pesquisa pode, ainda, nos levar a compreender tantos outros fenômenos de constituição de grupos, movimentos, igrejas, dentre outros, os quais presenciamos na sociedade contemporânea e que igualmente abrangem o fato de uma associação de pessoas permeada pela devoção, dedicação, identificação, o voltar-se para uma causa, como um meio de integração encontrado pelos membros no intuito de se manterem em filiação.

A carência de estudos acerca de nosso tema de pesquisa nos levou a outros estudos que versavam sobre temas que mantinham certa aproximação com o nosso, tais como o de Jungblut (2007), que analisa o crescimento das igrejas evangélicas; o de Faria (1996), que aborda os múltiplos casos sobre associação de imagem a envolvimento e a identidade em clubes de futebol, e o de Menegaz (2006), que se empenha em realizar a análise dos laços estabelecidos entre os telespectadores e o seriado *Malhação*. Estes estudos, embora revelem dados importantes do ponto de vista sociológico, deixam a desejar no que diz respeito aos aspectos subjetivos relacionados à inserção de um indivíduo em uma determinada massa.

Visando superar o limite desse tipo de investigação, propomos buscar, nos depoimentos dos fãs acerca da constituição, modo de organização, forma de pertença e modos de sociabilidade entre eles e nos estudos de Freud acerca da psicologia das massas, bem como outros estudos que abordam aspectos de interesse da nossa problemática, os meios através dos quais possamos traçar categorias e diretrizes para a

análise do discurso dos fãs sobre a constituição e o funcionamento dos fã-clubes, pelo qual possamos observar, também, os aspectos envolvidos no enlace entre os seus membros.

O objetivo central desta pesquisa é o de compreender a constituição do grupo de fãs, bem como suas características, sua dinâmica, e o modo de pertença dos membros. Especificamente, buscamos definir que tipologia pode ser identificada nos fã-clubes; compreender os tipos de mecanismos de identificação que podem ser reconhecidos na constituição do grupo de fãs; compreender o lugar do ídolo na constituição do grupo de fãs; investigar se existe a construção de vínculos afetivos entre os membros dos fã-clubes.

A nossa pesquisa constou, do ponto de vista metodológico, de duas etapas. A primeira, eminentemente teórica, buscou trabalhar os conceitos presentes na obra de Sigmund Freud compreendidos em nosso problema, com vistas a possibilitar o seu entendimento.

Para dar conta das nossas questões de base, os conceitos pesquisados em Freud foram os de identificação, massa, narcisismo, eu ideal, ideal do eu e transferência.

Os textos de Freud por nós trabalhados na primeira etapa foram: “Totem e Tabu” (1913), para se compreenderem as relações grupais primitivas; “A Guisa de introdução ao Narcisismo” (1914), para se tratar de conceitos como narcisismo, eu ideal e ideal de eu; “Observação sobre o amor transferencial” (1915 [1914]), para se apontarem as relações de enamoramento baseadas na transferência; “Psicologia de Grupo e Análise do Eu” (1921), para se pontuar a relação do indivíduo perante a essência da mente grupal, o sentimento grupal, a identificação, o contágio e a figura de liderança; “O Ego e o Id” (1923), em que é lançada a segunda teoria do aparelho psíquico.

A segunda etapa constou de uma pesquisa de campo, na qual realizamos entrevistas semiestruturadas com membros de fã-clubes.

O recrutamento dos sujeitos da pesquisa foi feito através da *Internet*, especificamente *blogs* e Orkut, e através de um programa de rádio local. Os *blogs* são páginas da Web que permitem uma atualização rápida de fatos, imagens, etc., nas quais o dono da página escreve acerca de seus interesses. Existem diversos *blogs* de grupos de fãs, nos quais constam imagens do ídolo, datas de encontro do fã-clube, novidades sobre o artista, dentre outras curiosidades. Já o Orkut, que também é um *site* de relacionamentos cujo propósito é criar afinidades com demais pessoas pelas chamadas comunidades, contém alguns fã-clubes situando em que cidade eles se localizam e a quem admiram – em nosso caso, pretendíamos estabelecer contato com fã-clubes locais para obter mais acessibilidade. Já o programa de rádio possui um grupo de fãs que realiza um programa semanal sobre seus ídolos e que tem conhecimento de demais grupos de fãs.

A amostra foi composta de três grupos de fã-clubes, sem especificação de idade ou sexo. Escolhemos grupos que estivessem em atividade, mantendo encontros, reuniões, etc. Outro critério considerado para a escolha de um fã-clube foi o fato de que o contato inicial ocorresse com seu respectivo presidente, objetivando, com isso, conhecer a história da constituição de cada um deles, a filosofia do grupo, frequência dos encontros, entre outros aspectos.

Vale ressaltar que a instituição responsável pela coleta dessas informações é a Universidade Federal do Ceará, especificamente o Mestrado em Psicologia, por não haver nenhuma formalidade dos locais onde foram realizadas as entrevistas.

O roteiro da entrevista semiestruturada, a qual utilizamos para obter os dados de nossa pesquisa, foi composto das seguintes questões:

- 1) Como surgiu o fã-clubes (o processo de criação)? Desde quando? Quem teve a ideia?
- 2) Existe alguma agenda de atividades que os membros do grupo seguem?
- 3) Por que houve a necessidade de criar o fã-clubes?
- 4) Como você se sente pertencendo a um fã-clubes?
- 5) Qual a representação do seu ídolo para você?
- 6) Existe algum contato entre você e seu ídolo? Que tipo, se for sim?
- 7) Como é a relação/que tipo de laço existe entre os membros do fã-clubes?
- 8) Qual é a importância do fã-clubes para você?
- 9) O que uma pessoa faz para se associar ao fã-clubes?
- 10) Existe alguma filosofia do fã-clubes?
- 11) Existe algum tipo de conflito entre os membros do grupo?
- 12) Cite com três palavras o que o ídolo representa para você.

A partir dos dados colhidos, foi feito o seu devido tratamento analítico, em que a análise do discurso dos fãs foi norteada pelos seguintes pontos: a observância do lugar em que o fã se coloca diante do grupo; o lugar que colocam o ídolo; o lugar que colocam os outros fãs.

No primeiro capítulo, tratamos de realizar o percurso teórico que nos serviu de base para a análise subsequente dos discursos dos fãs entrevistados, em que buscamos centralizar os conceitos principais, já apontados anteriormente, com o fim de compreender a constituição e a dinâmica do grupo de fãs.

No segundo capítulo, descrevemos cada fã-clubes, a partir de seus modos de constituição, da relação existente entre os participantes do grupo, da forma como veem seu ídolo e o que este representa, quais sentimentos são despertados quando da

convivência com demais admiradores de um mesmo ídolo, além das condições de funcionamento estabelecidas por eles para a manutenção de seu fã-clube.

No terceiro capítulo, ocupamo-nos de entrecruzar os aspectos psicológicos observados nos discursos dos fãs com a teoria freudiana.

Dentre as principais conclusões a que chegamos, podemos apontar as seguintes: o que promove a ligação entre os membros participantes de um fã-clube é, inicialmente, a mediação de uma pessoa idealizada, que é o ídolo; o que possibilita que um “fã-clube” se mantenha estável e possua durabilidade é a existência da identificação do fã com o ídolo, bem como com outros participantes do fã-clube, considerando que esta formação grupal abrange diferenças e semelhanças dos grupos analisados por Freud. Ainda, com base nos depoimentos dos entrevistados, o desejo de que o ídolo reconheça seu fã (e seu fã-clube, conseqüentemente) é comum em todos os grupos, o que nos levou a pensar que esta expectativa é o que contribui para a realização constante de atividades em favor do ídolo, ressaltando, com isso, o culto de vínculos afetivos por parte dos membros dos fã-clubes.

1. FREUD E O ESTUDO DAS MASSAS

Um fã-clube, conforme já definido, tem por definição, mais simples e sintética, a reunião de pessoas que passam a formar um grupo por terem algo em comum: a admiração por um determinado artista, que é colocado no lugar de ídolo. Tal idolatria ao artista é a base comum que permite a associação dos fãs entre si. Para buscar uma maior inteligibilidade dos fenômenos envolvidos em sua formação, bem como nas suas características psicológicas, buscaremos trabalhar neste capítulo os fundamentos lançados por Freud para o entendimento da psicologia das massas. Para tal, estaremos amparados nos seus textos que mais diretamente abordam as questões relacionadas à esta pesquisa, quais sejam: *Totem e Tabu* (1913 [1912-13]), *Psicologia de Massa e a Análise do Eu*¹ (1921) e *O Futuro de uma Ilusão* (1927). Nos ensaios de 1913 e 1927, Freud se deteve nas questões que envolviam os destinos do homem na cultura e na sociedade, explorando as origens da religião e da moralidade. Já no de 1921, buscou problematizar os motivos pelos quais os indivíduos combinam-se organicamente em uma massa.

Dessa forma, como se pode bem observar, o interesse de Freud não é o de realizar nesses estudos teorizações de ordem psicológica ou antropológica, mas, sobretudo, refletir acerca dos fundamentos da sociabilidade humana em suas mais diversas manifestações. Tal empreendimento traz em seu germe, principalmente, a pergunta relativa à influência da alteridade na estruturação da alma humana.

¹ Apesar de termos nos baseado, em nossa pesquisa, na edição Standard Brasileira da Obra de Freud, limite que assumimos, procuramos observar os problemas apontados pelos estudiosos dessa tradução, bem como de seus críticos. Diante disso, adotaremos aqui não o termo "grupo", mas o termo "massa", que é mais condizente com o texto em alemão. Da mesma forma, procederemos com outros termos, tais como instinto, que será substituído por pulsão.

1.1 A proibição do incesto e a origem da cultura: as bases para se pensar a psicologia das massas

Freud (1913/1996) faz-se valer de dados etnográficos da antropologia de sua época, bem como da teoria de Darwin, com o intuito de analisar a relação entre o desenvolvimento da civilização e o recalque das pulsões com base no fenômeno do “horror ao incesto”. Nesse ensaio, Freud retoma o percurso das tradições dos povos primitivos e constrói suas argumentações e hipóteses, estabelecendo, com isso, importantes paralelos com as descobertas psicanalíticas feitas até então.

Atesta Freud (1913/1996) que, desde os primórdios, o homem já demonstrava possuir escrúpulos diante do incesto. Toma, para exemplificar tal fenômeno, os aborígenes da Austrália, os quais foram descritos pelos antropólogos como sendo os selvagens mais miseráveis e atrasados. O totemismo é praticado por estes povos, no meio dos quais cada tribo adota o nome de seu totem. O totem vem a ser um antepassado comum do clã, espírito guardião e auxiliar, que reconhece e poupa seus próprios filhos, valendo como uma lei. Pode ser representado por um animal, um vegetal ou até mesmo um fenômeno natural, que mantém relação peculiar com todo o clã. Como tarefa, o clã não deve matar nem destruir seu totem e, para praticar a exaltação deste, o clã costuma encenar danças cerimoniais. Outro preceito que deve ser seguido nas sociedades totêmicas é que pessoas do mesmo totem não podem manter relações sexuais, havendo, assim, uma relação entre exogamia e organização social.

As penalidades ocasionadas quando da violação de um preceito do totem são automáticas, mas quanto à violação específica da proibição do incesto, a punição é mais enérgica: a própria morte. Conforme analisa Freud (1913/1996) à respeito da exogamia e sua punição mais severa:

A violação da proibição não é deixada ao que se poderia chamar de punição 'automática' das partes culpadas, como no caso de outras proibições totêmicas, tal como a existente contra a morte do animal totem. É vingada de maneira mais enérgica por todo o clã, como se fosse uma questão de impedir um perigo que ameaça toda a comunidade ou como se se tratasse de alguma culpa que a estivesse pressionando (p. 24).

Um agravante que se pode observar na legislação do totem é que não basta apenas ser parente consanguíneo para que haja a proibição das relações sexuais, mas sobrepõe-se a isso o parentesco totêmico; isso restringe mais ainda a escolha de casamento e, também, a hipótese de liberdade sexual. Diante da magnitude dessas proibições e de seu caráter totalitário, Freud lança a questão de que tais evitações são efeitos do interdito do incesto.

Freud (1913/1996) observa, ainda quanto a isso, que os povos primitivos eram, sobretudo, mais sensíveis à tentativa de cometer o incesto do que os povos civilizados e, por isso, eram mais necessitados de um constrangimento exterior como interdito a essa tentação.

Um ponto importante dessa reflexão é o reconhecimento de que existe uma característica infantil que marca o psiquismo dos povos primitivos e de que tais características também estão presentes no psiquismo dos pacientes neuróticos, em quem as fixações incestuosas da libido permanecem inconscientes. Segundo Freud (1913/1996, p. 35), “somos levados a acreditar que essa rejeição é, antes de tudo, um produto da aversão que os seres humanos sentem pelos seus primitivos desejos incestuosos, hoje dominados pela repressão”.

A despeito das diferenças entre os povos primitivos e os povos civilizados, Freud ressalta um ponto comum a eles: a interdição das relações sexuais incestuosas.

No tocante ao tabu, o citado autor tenta traduzir principalmente os dois aspectos predominantes deste conceito: o sagrado e o proibido. O tabu se impõe por conta própria, divergindo de uma proibição religiosa ou mesmo moral. Suas proibições são

comumente desconhecidas e sem fundamento, a ponto de serem ininteligíveis para aqueles que não assimilam o tabu como natural.

Não cabe aqui estabelecer as diferenças específicas das classes e dos objetivos do tabu e sim compreender sua fonte e punição. No que se refere à fonte, Freud (1913/1996) faz a seguinte afirmação:

A fonte do tabu é atribuída a um poder mágico peculiar que é inerente à pessoas e espíritos e pode ser por eles transmitido por intermédio de objetos inanimados. Pessoas ou coisas consideradas como tabu podem ser comparadas a objetos carregados de eletricidade; são a sede de um imenso poder transmissível por contato e que pode ser liberado com efeito destrutivo se os organismos que provocam sua descarga são fracos demais para resistir a ele; o resultado da violação de um tabu depende em parte da força da influência mágica inerente ao objeto ou pessoa tabu, em parte da força do *mana* antagônico do violador do tabu. Assim reis e chefes se acham possuídos de grande poder, e dirigir-se a eles diretamente significa morte para seus súditos (p. 39).

Tudo, portanto, dependerá da força e do poder do violador do tabu e daquele que pertence à pessoa tabu. A razão para a aplicação dessas forças e poderes é um tanto obscura, consoante Freud, uma vez que há insuficiência nas informações colhidas pelo autor. Assim, a proximidade com a pessoa/coisa tabu é vivida concretamente como perigo. Avaliando que o ídolo para seu fã é igualmente idealizado como um ser poderoso, não existem, no entanto, indícios concretos de que a possibilidade de contato simbolize um perigo ou mesmo ameaça ao fã; a não ser que tais temores advenham de suas fantasias e imaginações.

Freud (1913/1996) aponta que a proibição também se encontra presente no entendimento do tabu. Inicialmente, tais proibições eram reguladas por um agente interno automático: “o próprio tabu violado se vingava. Quando, numa fase posterior, surgiram as ideias de deuses e espíritos, com os quais os tabus se associaram, esperava-se que a penalidade proviesse automaticamente do poder divino” (FREUD, 1913/1996, p. 38). Posteriormente, a própria sociedade se encarregava da punição dos transgressores do tabu.

As penalidades em decorrência de violar o que via de regra é proibido são consideradas até mesmo naturais para os povos primitivos, tamanha é a precaução em não transgredir. Segundo o autor:

Por trás de todas essas proibições parece haver algo como uma teoria de que elas são necessárias porque certas pessoas e coisas estão carregadas de um poder perigoso que pode ser transferido através do contato com elas, quase como uma infecção (FREUD, 1913/1996, p. 40).

Algumas categorias são veículos de contágio e infecção, onde esse poder está ligado a indivíduos especiais, como reis, sacerdotes, recém-nascidos; aos estados excepcionais, como a menstruação, a puberdade ou o nascimento; e, ainda, a doença e a morte, como componentes do que era misterioso. Freud (1913/1996) observou que “a *quantidade* desse atributo perigoso também desempenha seu papel. Algumas pessoas ou coisas o têm mais do que outras e o perigo é na realidade proporcional à diferença de potencial das cargas” (p. 40). Ainda: “... qualquer um que tenha transgredido uma dessas proibições adquire, ele mesmo, a característica de ser proibido – como se toda a carga perigosa tivesse sido transferida para ele” (p. 40). Aqui, observa-se a relação entre o poder e a proibição.

Freud aproxima o problema do tabu com o da neurose obsessiva, cujo denominador comum estaria na destituição de sentido para tantas proibições. Há em ambos uma manutenção da certeza de punição, restando sempre um medo irresistível, afinal os que nela acreditam estão convencidos intimamente de que, se transgredirem certas proibições enigmáticas, ocorrerá uma desgraça. Freud (1913/1996, p. 45) ilustra: “Os pacientes obsessivos comportam-se como se as pessoas e as coisas ‘impossíveis’ fossem portadores de uma perigosa infecção passível de disseminar-se pelo contato sobre todas as coisas em sua vizinhança”.

Mas todo esse ritual presente nas situações apontadas acima diz respeito ao deslocamento empreendido pela repressão da libido. Conforme considera Freud (1913/1996, p. 47):

“O desejo instintivo se desloca constantemente, a fim de fugir ao *impasse*, e se esforça por encontrar substitutos – objetos substitutos e atos substitutos – para colocar em lugar dos proibidos. (...) Qualquer novo avanço feito pela libido reprimida é respondido por um novo aguçamento da proibição”.

Como consequência, a necessidade de descarga torna-se patente, objetivando a redução da tensão predominante através dos atos obsessivos. Nas situações relativas ao tabu, Freud considera que, provavelmente, as diversas proibições já impostas tenham advindo de práticas realizadas por gerações anteriores, mas não busca aprofundar-se nestas questões, uma vez que a origem do tabu é possivelmente de ordem inconsciente. No entanto, “o desejo original de fazer a coisa proibida” (p. 48) é persistente nos tabus, ao que Freud (1913/1996, p. 49) se interroga: “Qual pode ser o atributo perigoso que permanece o mesmo em todas essas condições diferentes? Só pode ser uma coisa: a qualidade de excitar a ambivalência dos homens e de *tentá-los* a transgredir a proibição”.

Fazendo um paralelo com nosso objeto de estudo, se considerarmos que os estados e posições excepcionais, representados pelos reis, por exemplo, dispõem de um perigoso poder, que ao mesmo tempo desperta inveja e ativa desejos proibidos, o ídolo para um fã é igualmente um objeto de cobiça, com a diferença de que não estaria em jogo algo de natureza proibida nesta idolatria. Freud salienta que os privilégios das pessoas tabus costumam provocar a inveja daqueles que não os possuem e, assim, instigam sua tentação a transgredir o que não é permitido. O que vem, portanto, ao encontro de nosso problema é que o ídolo se aproxima de características da pessoa tabu, a saber, de possuir todo o poder (aos olhos de seu fã) e, com isso, a propensão à inveja é uma possibilidade.

Freud (1913/1996) aponta ser perigoso o poder de contágio do tabu. Tal perigo estaria presente, por exemplo, no poder detido por certas pessoas, em sua relação com membros de outros níveis sociais. Demonstra haver uma grande inveja quando do encontro entre eles. Exemplifica tal fenômeno por meio da relação estabelecida pelos reis fortes com seus súditos, a qual deve ser intermediada por um ministro, que não tem uma diferença social muito grande dos últimos. E complementa: “Se substituirmos os desejos inconscientes por impulsos conscientes, veremos que o perigo é real. Reside no risco da imitação, que rapidamente levaria à dissolução da comunidade” (FREUD, 1913/1996, p. 50).

O que é ameaçador no poder de contágio do tabu é a capacidade de produzir a tentação ou incentivar a imitação, que nada mais é que o reflexo da pulsão inconsciente da neurose de deslocar-se para novos objetos. Porém o risco de possuir este atributo poderoso é o de lembrar aos outros seus próprios desejos proibidos e de induzir, assim, à transgressão. Constata-se que o tabu acaba sendo uma renúncia a algo desejável.

A figura dos governantes utilizada como detentora de poder tem também como função a proteção de seus inferiores. Embora os súditos valorizem o soberano enquanto estão sendo beneficiados (quando este ordena a natureza em prol do seu povo), eles não estão convencidos das boas intenções dos governantes, o que requer para estes constante proteção. Segundo o autor:

Pelo contrário, o soberano nelas existe apenas para os seus súditos, sua vida só é valiosa enquanto se desempenha dos deveres de sua posição ordenando o curso da natureza em benefício de seu povo. Assim que fracassa em consegui-lo, o cuidado, a devoção e as homenagens religiosas que até então lhe haviam prodigalizado cessam e se transformam em ódio e desprezo (FREUD, 1913/1996, p. 59).

Freud (1913/1996, p. 64) também acrescenta que “se agora aplicarmos ao caso das pessoas privilegiadas, compreenderemos que juntamente com a veneração e, na verdade, idolatria sentida por elas, existe no inconsciente uma corrente oposta de

hostilidade intensa”. Vemos que neste trabalho Freud trata da hostilidade oculta no inconsciente nos casos em que existe uma intensa ligação emocional com uma pessoa em particular, que jaz detrás de aparente terno amor.

Freud (1913/1996) tem como ponto de partida, sobremaneira irrefutável, o de que o tabu do incesto está determinado pela cultura e pela vida psíquica. A aproximação que faz dos povos primitivos com a psicologia dos neuróticos desdobra-se, como vimos, em numerosos nexos comuns. Para Freud, portanto, os povos primitivos representam, do ponto de vista lógico, a fase infantil do desenvolvimento humano. Relativamente ao temor do incesto, este se constitui um traço essencialmente infantil na vida psíquica dos neuróticos.

É em tópico específico de “Tabu em relação aos Mortos” que Freud (1913/1996) utiliza o conceito de projeção – procedimento defensivo existente tanto nos mecanismos psíquicos normais ou patológicos. Analisa que não necessariamente a projeção tem um intuito de defesa, pois ocorre onde não há conflito:

A projeção de percepções internas para fora é um mecanismo primitivo, ao qual, por exemplo, estão sujeitas nossas percepções sensoriais, e que, assim, normalmente desempenha um papel muito grande na determinação da forma que toma nosso mundo exterior. Sob condições cuja natureza não foi ainda suficientemente estabelecida, as percepções internas de processos emocionais e de pensamento podem ser projetadas para o exterior da mesma maneira que as percepções sensoriais (FREUD, 1913/1996, p. 77).

A presença regular de sentimentos de ambivalência nos tabus conduz Freud, ainda nesse trabalho, a investigar mais detidamente o papel desempenhado no psiquismo dos primitivos e dos neuróticos, por alguns mecanismos fundamentais como o sentimento persecutório experimentado por um primitivo em relação ao seu soberano e o delírio do paranóico. Ambos seriam fundados na ambivalência de sentimentos de amor e ódio que a criança experimenta em relação ao pai. No que se refere ao tabu dos mortos, Freud (1913/1996.) chama a atenção para o fato de que as acusações obsessivas

que se inflige o sobrevivente após um falecimento, por se sentir culpado pela morte da pessoa amada, decorrem igualmente de uma fonte de ambivalência.

Insiste, portanto, que as proibições do tabu devem ser compreendidas como fruto de uma ambivalência emocional, com a diferença de que no tabu a proibição não deve ser entendida com um significado exclusivamente sexual, e já nas neuroses há a preponderância de elementos sexuais sobre os sociais. Atribuem-se aos neuróticos, devido à preponderância da fantasia, em sua relação com o outro e com o mundo externo, prejuízos em sua forma de estabelecer sociabilidade com outros seres humanos.

Aprendemos, com esse estudo de Freud, a reconhecer a existência simultânea de amor e ódio na psicologia das massas, o que remonta à tese de Freud acerca do assassinato do pai e sua substituição pelo animal totêmico, que seria o substituto do pai, o qual fora temido e invejado por seus filhos e, ao devorá-lo (substituído pelo animal), a ele se identificaram, acreditando, com isso, adquirir parte de sua força. Assim, “a refeição totêmica, que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma repetição, e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião” (FREUD, 1913/1996, p. 145).

1.2. O individual é social: a psicologia das massas e análise do eu

O estudo empreendido acerca da psicologia das massas é entendido por alguns como sendo o prolongamento de teses cujos fundamentos foram lançados em 1913, no estudo anteriormente comentado por nós (Totem e tabu), bem como em À Guisa de Introdução ao Narcisismo (FREUD,1914/2004) e em Luto e melancolia (FREUD,1917/1996). Foram esses trabalhos anteriores que lhe permitiram desconstruir

o contraste, segundo ele aparente, entre a psicologia individual e a psicologia das massas. Quanto a isso, Freud (1921) afirma que a psicologia individual é, ao mesmo tempo, psicologia social, uma vez que aquela, dificilmente, poderia desconsiderar a importância exercida pela coletividade na constituição psíquica do indivíduo.

Essa importância do outro e sua influência na constituição do psiquismo humano conduzirão Freud aos estudos de Le Bon e Mc Dugall, que têm por base o mecanismo de sugestão como elemento para a explicação acerca da incorporação de um indivíduo a uma massa. Para esses autores, o indivíduo, em uma determinada massa, passa a ter um funcionamento psíquico determinado por uma lógica específica, distinta daquela que estava presente em situações onde se observa o seu isolamento ou o das que regem suas ações individuais. Por influência do contágio, considerado como de ordem hipnótica, “o indivíduo prontamente sacrifica seu interesse pessoal ao interesse coletivo” (FREUD, 1921/1996, p. 86). O contágio seria efeito da suscetibilidade à sugestão por parte de uma pessoa. Tal suscetibilidade resulta no fascínio causado pelo hipnotizador no hipnotizado, o qual, nessas condições, fica nas mãos do hipnotizador e passa a destinar-lhe seus sentimentos e pensamentos. Em alguns casos, esse efeito pode levar a ocorrer a imitação, a qual é considerada, por Le Bon e Mc Dugall, um fenômeno irreduzível e primitivo.

Freud (1921/1996), em seu debate com esses autores, demonstrou que suas teses eram de grande importância para as formações das massas, mas tinham um valor parcial, na medida em que só se aplicavam às massas efêmeras e deixavam obscuros muitos dos elementos constitutivos das massas dotadas de estabilidade. Sua crítica a essas explicações parciais consiste, sobretudo, em problematizar a função da sugestão; analisa que não estaria nesta, conforme Le Bon e Mc Dugall, o ponto fundamental para explicação psicológica das alterações psíquicas provocadas em um indivíduo por sua

pertença a uma massa. Importante se faz nesse contexto a indagação freudiana a respeito de qual seria a fonte da sugestionabilidade. Segundo ele, “(...) não houve explicação da natureza da sugestão, ou seja, das condições sob as quais a influência sem fundamento lógico e adequado se realiza” (FREUD, 1921/1996, p. 101).

Desse modo, ele parte do pressuposto segundo o qual o indivíduo seria inevitavelmente influenciado pela massa e que, quando nela se insere, tende a ter suspenso o seu senso de responsabilidade, intensificando, com isso, a emoção e ficando vulnerável à regência do inconsciente. É também na dinâmica da massa que se verificam quadros de regressão da atividade psíquica a um estágio anterior, o infantil.

As massas não anseiam pela verdade; ao contrário, exigem ilusões e não podem passar sem elas. A ilusão é uma espécie de salvaguarda contra a ruptura dos laços sociais, pois, caso os laços se dissolvam, uma angústia coletiva poderia acontecer. O líder, modelo a que os integrantes da massa aspiram, deve possuir vontade forte e ser imponente, pois estes estão à mercê do desejo do “senhor”, uma vez que não têm vontade própria. Pensando nisso, Freud (1921/1996) acrescenta que as relações amorosas permeiam a essência da psicologia das massas, considerando este amor como algo mais amplo, incluindo o amor sexual/pulsões sexuais. Vale considerar, como bem aponta ele, que ao passo que a inibição da massa diminui quando há sua união, há também a aparição de todas as pulsões cruéis, brutais e destrutivas, que neles jaziam adormecidos.

Conforme já atestamos, o irreal precede o real na psicologia das massas e nela ocorre uma diminuição da faculdade crítica das pessoas que a integram, o substrato final disso é o sentimento de admiração e respeito pelo líder, a quem essas pessoas atribuem prestígio, traduzido por um “poder misterioso e irresistível” (FREUD, 1921/1996, p. 91). Em contrapartida, afirma que “... os líderes se fazem notados por meio das idéias

em que eles próprios acreditam fanaticamente” (p. 91). Com essa afirmação, observa que não é apenas o seguidor que desenvolve seus sintomas por conta própria, mas também esse “chefe” coopera para gerar o encantamento.

Cabe assinalar que, para Freud (1921/1996), a sociabilidade da massa não encontra explicação na existência de um instinto social e, por conta disso, estuda a influência da massa na vida psíquica do sujeito. Considerava, ainda, que a união dos integrantes da massa não poderia ser justificada apenas pela existência da “sugestão”, pois tal resultava em lacunas explicativas e, daí, desenvolve, por meio do conceito de libido, esclarecimentos valiosos e, até então, inéditos sobre a psicologia das massas:

Libido é expressão extraída da teoria das emoções. Damos esse nome à energia, considerada como uma magnitude quantitativa (embora na realidade não seja presentemente mensurável), daquelas pulsões que têm a ver com tudo o que pode ser abrangido sob a palavra ‘amor’. O núcleo do que queremos significar por amor consiste naturalmente (e é isso que comumente é chamado de amor e que os poetas cantam) no amor sexual, com a união sexual como objetivo. Mas não isolamos disso – que, em qualquer caso, tem sua parte no nome “amor” -, por um lado o amor próprio e, por outro, o amor pelos pais e pelos filhos, a amizade e o amor pela humanidade em geral, bem como a devoção a objetos concretos e a idéias abstratas (FREUD, 1921/1996, p. 101).

A partir desse entendimento, os laços emocionais existentes entre os membros de uma massa serão compreendidos como a expressão da libido dessexualizada.

Com a limitação do narcisismo individual operado pela massa, a vontade da maioria prevalece sobre as vontades individuais, e a instauração do líder como “ideal de eu” faz com que cada membro da massa sacrifique suas pretensões narcisistas no intuito de ter a proteção do pai – a figura do líder ideal. Freud (1921/1996) utiliza o exemplo da Igreja e do Exército para ilustrar a diferença entre as massas muito efêmeras e desarticuladas (como a multidão, por exemplo) das mais organizadas e mais duradouras, como as citadas acima.

Tomando como exemplos de massas artificiais a Igreja e Exército, Freud (1921/1996) as define como sedimentadas por meio da ação de uma força externa que

impede a sua desagregação ou alterações em sua estrutura. Outra característica importante, relativa a esse tipo de massa, é que as pessoas que a integram usualmente não opinam se querem ou não estar presente nestas massas e, em geral, quando tentam abandoná-la, são perseguidas ou sujeitas a punições. Tais massas são estáveis e marcadas pela existência de líderes e pela ilusão de que há um “cabeça” que ama a todos indistintamente. Nas massas analisadas por Freud, esses líderes são exemplificados a partir das figuras de Cristo, no caso da Igreja Católica, e do Comandante, no Exército.

Para compreender o desenrolar dos laços emocionais presentes nas massas, Freud (1921/1996) aprimora o conceito de identificação apontando três formas referentes a esse processo. A primeira forma de identificação refere-se à identificação primária, que desempenha uma função na pré-história do complexo edipiano. Nesse momento, o menino “toma o pai como seu ideal” (p.115), quer ser o pai. Essa atitude é tipicamente masculina e ajuda a preparar o menino para o complexo de Édipo. A segunda forma de identificação é compreendida tal como ocorre na neurose, como processo de formação dos sintomas. Nesse mesmo texto, Freud menciona um caso de uma menina que desenvolve o mesmo sintoma da mãe – uma tosse atormentadora. Essa identificação pode advir do complexo de Édipo, que significa o desejo hostil da menina em tomar o lugar da mãe, já que o pai é o objeto de desejo. O sintoma, nesse caso, representa o amor pelo pai e, sob a influência do sentimento de culpa, o desejo de assumir o lugar da mãe é atendido – a tosse aterrorizante. Por outro lado, o sintoma pode ser o mesmo que o da pessoa amada. O terceiro caso da identificação é particularmente interessante, para o autor, uma vez que essa identificação não contempla uma relação de objeto com a pessoa que está sendo imitada, não há investimento libidinal. O mecanismo de identificação – baseado no caso de uma menina

que recebe uma carta e tem uma crise de histeria e suas amigas que também desenvolvem a crise por uma infecção psíquica – baseia-se no desejo de colocar-se na mesma situação.

Esta última modalidade de identificação desperta maior interesse em Freud, por ela ser a responsável pela formação das coletividades, por ligar entre si os membros da massa.

1.3. A identificação ao líder na formação das massas

A hipótese central de Freud (1921/1996) é a de que a formação das massas encontra justificativa mediante o processo de identificação que ocorre em seu cerne, conforme se observa:

Já começamos a adivinhar que o laço mútuo existente entre os membros de uma massa é da natureza de uma identificação desse tipo, baseada numa importante qualidade emocional comum, e podemos suspeitar que essa qualidade comum reside na natureza do laço com o líder (FREUD, 1921/1996, p. 117).

A relação dos membros da massa com o líder e entre si possui natureza libidinal, porém é a dessexualização ou a inibição dos impulsos sexuais que torna efetivo o laço entre as pessoas, entretanto “toda relação emocional íntima entre duas pessoas que perdura por certo tempo (...) contém um sedimento de sentimentos de aversão e hostilidade, o qual só escapa à percepção em consequência do recalque” (FREUD, 1921/1996, p. 112). Isso quer dizer que, mesmo de forma inconsciente, sentimentos hostis podem aparecer na relação de uma massa. Acontece que as “forças externas”, as quais Freud pouco se delimitou a explicar, regem esta massa a fim de bloquear a separação do membro, de punir com rigor ou de sujeitá-lo a condições muito determinadas, impedindo que a massa se desarticule por isso.

Essa hostilidade, quando se dirige a quem se ama, representa a ambivalência de sentimentos que se pode compreender pelo próprio narcisismo, em que

esse amor a si mesmo trabalha para a preservação do indivíduo e comporta-se como se a ocorrência de qualquer divergência de suas próprias linhas específicas de desenvolvimento envolvesse uma crítica delas e uma exigência de sua alteração (FREUD, 1921/1996, p. 113).

O amor narcísico ganha terreno, nesta situação, sobre o amor fraterno, no entanto Freud (1921/1996, p.113) reitera que, na massa, “o amor por si mesmo só conhece uma barreira: o amor pelos outros, o amor por objetos”. Há uma migração de egoísmo para altruísmo.

Certo de que são as relações amorosas que constituem a essência de sentimentos que soldam as massas, Freud inclui o ódio como elemento equivalente de unidade na massa. Isto nada mais é que a própria ambivalência, já comentada no estudo Totem e Tabu (1913), contudo, no interior da massa, observa-se paradoxalmente que os sentimentos hostis entre os indivíduos se dissipam enquanto a coesão se mantém. Este comportamento já seria em nome da civilização, segundo o autor. Mas é também com a identificação que Freud irá agregá-la como sendo outro fator suscetível de criar uma ligação afetiva dentro da massa. Assim, pode-se dizer que a identificação é um processo indispensável para a constituição do humano, ou seja, é por intermédio da identificação que a relação com o outro se efetiva em busca de individuação e de socialização.

Embora Freud (1921/1996) ressalte essa total reverência ao outro quando o indivíduo se encontra em uma massa, deve-se considerar que a sexualidade presente através da libido circulante na psicologia da massa pode driblar o altruísmo. Os membros da massa que passam a investir muita libido um no outro tendem a se separar. Por exemplo, quando esta situação acontece envolvendo o líder, ou seja, quando este privilegia um em detrimento dos demais, há uma proliferação de inveja, ressentimento, ameaçando, assim, a coesão do grupo. Outro aspecto mobilizador de pânico na massa

surge em virtude do relaxamento dos laços libidinais, que pode irromper a partir mesmo da morte do líder.

Para que seja possível o escoar do ódio circulante, ou seja para que ele não se faça evidente entre os integrantes ele costuma ser direcionado para o estrangeiro, A respeito disso, Fuks (2003) retoma o conceito ‘narcisismo das pequenas diferenças’ de Freud (1930) e salienta que o termo ‘pequenas diferenças’ diz respeito a uma intolerância ao outro que não nasce da distância, mas sim da proximidade, sendo esse estrangeiro, portanto, destinatário da hostilidade por portar em si a diferença. A autora comenta: “Ou seja, a palavra de ordem é reprimir a hostilidade e o ódio contra o idêntico a quem se ama para dirigi-los ao outro, à malvada alteridade” (p. 47). Toda essa dinâmica acontece a partir da força da coação externa – o ideal – para manter a coesão entre os membros, onde o pai morto da horda habita o líder, vivo, dando-lhes a sensação de ser um filho querido e assegurando-lhes suas reivindicações narcísicas particulares.

A ligação com o líder também é fundada na idealização, de modo que, quando o indivíduo é atraído por esse ideal, vê sua personalidade em vias de se esfacelar. Quando se ama, percebe-se que este objeto venerado “está sendo tratado da mesma maneira que nosso próprio eu, de modo que, quando estamos amando, uma quantidade considerável de libido narcisista transborda para o objeto” (FREUD, 1921/1996, p. 122). Este objeto escolhido vem tamponar alguma lacuna do ideal do eu de cada um, ou seja, a exigência que se faz do eu com o eu ideal, cria uma cobrança daquilo que se deve ser ou ter e, para tolerar a frustração de quando isto não é alcançado, acontece a idealização para satisfazer o narcisismo reinante. Dessa maneira, “o objeto foi colocado no lugar do ideal do eu” (p. 123) e, portanto, a censura, que é função deste mecanismo, silencia.

O conceito de Ideal de eu tomado por Freud (1921/1996, p. 119) diz respeito à “auto-observação, a consciência moral, a censura dos sonhos e a principal influência na

repressão”. Freud explica que essa crítica interior resulta igualmente das exigências impostas ao eu sob a influência de autoridades, como os pais, instância que passará a chamar de supereu em 1923, em “O Eu e o Id”.

Contemplando o estado amoroso e as vicissitudes sofridas ao longo da infância e sua ligação com as pulsões sexuais, Freud (1921/1996) aponta duas correntes diferentes que existem no amor: a corrente terna e a corrente sensual. O propósito da união das duas correntes é o de que formem o amor genital, porém nem sempre elas conseguem êxito. Cita exemplos em que a união dessas correntes se desencontra, como no caso, especialmente, da idealização. Nesses casos de extrema fascinação amorosa, em que a crítica se suprime em virtude do narcisismo, a idealização do objeto é tal que o eu se entrega literalmente ao objeto. Pontua, portanto, a diferença em que a identificação bem sucedida é enriquecida com os atributos do objeto, e, já no estado amoroso, o eu se empobrece, colocando-o como seu elemento constitutivo mais importante. Logo, o estado amoroso acaba sendo essencialmente um estado patológico.

Com a relação que faz da psicologia das massas com a horda primeva, Freud (1921/1996) diz que a primeira é a revivescência da última. Faz comparações de que o líder da massa é o equivalente do pai originário temido, o qual domina e impede a satisfação sexual dos filhos, de modo que o laço que une os irmãos nasce de tendências sexuais inibidas, assim como na massa. Considerando a sede de autoridade da massa e de sua necessidade de ser dominado, Freud (1921/1996, p. 138) conclui que “o pai primevo é o ideal da massa, que dirige o eu no lugar do ideal de eu”.

Em Freud (1927/1996), toma-se como modelo o cristianismo, como é praticado no Ocidente, e considera que a religião é fundamentada na necessidade de ilusão que habita o ser humano, em busca de proteger dos perigos da existência. Aponta que, do mesmo modo que a criança abandona sua neurose infantil devido a seu

desenvolvimento, é importante que se abandone a religião – que chama de neurose obsessiva da humanidade.

Freud (1927/1996) se dedica a mostrar a necessidade de a civilização recorrer a valores morais a fim de se proteger das tendências destrutivas dos humanos. Civilização para ele é a “expressão pela qual quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais” (p. 17). Inclui nesses valores aqueles de ordem psicológica, os ideais culturais, a arte, assim como as ideias religiosas.

São as regras e os regulamentos que visam manter a distribuição das riquezas entre os homens e, em outras palavras, é a coerção e a renúncia pulsional que irá proporcionar esta manutenção. Assim, não é com a remoção das fontes de insatisfação humana através da liberalização que condicionará o homem a conter seus impulsos agressivos e tendências destrutivas natas. Para proteger a civilização da revolta dos homens, não basta repartir equivalentemente os recursos e fazer uso da força; ao contrário, é necessário dispor de outros meios que permitam a eles a reconciliação com a civilização a fim de recompensarem seus sacrifícios.

Analisa, ainda, Freud (1927/1996):

É tão impossível passar sem o controle da massa por uma minoria, quanto dispensar a coerção no trabalho da civilização, já que as massas são preguiçosas e pouco inteligentes. (...) Só através da influência de indivíduos que possam fornecer um exemplo e a quem reconheçam como líderes, as massas podem ser induzidas a efetuar o trabalho e a suportar as renúncias de que a existência depende. Tudo correrá bem se esses líderes forem pessoas com uma compreensão interna (insight) superior das necessidades da vida, e que se tenham erguido à altura de dominar seus próprios desejos instintuais (p. 17).

Entre os meios necessários, o progresso psíquico da humanidade favoreceu com que a coerção fosse progressivamente interiorizada, graças ao supereu atuante, visto como elemento que veicula a civilização. Os maiores desejos que tentam o homem à transgressão são o canibalismo, o incesto e a ânsia de matar. Somente o canibalismo

parece ter sido completamente dominado, conforme assinala Freud (1927/1996). Mas muitas outras pulsões permanecem indomadas, o que nos faz desconfiar da moralidade dos homens.

A civilização que tende a manter seus participantes com sentimentos exclusivamente hostis não tem perspectiva duradoura. Daí Freud (1927/1996) analisa a importância dos ideais e criações artísticas para a motivação dos civilizados, que, além do aspecto moral aí atribuído, são, também, considerados uma forma de riqueza psíquica. Esses ideais fornecem uma satisfação de natureza narcísica que contrabalança eficazmente a hostilidade em relação à civilização, embora não deixe de ser fonte de discórdia. Mas são as ideias religiosas que constituem o valor moral mais importante para a manutenção da civilização.

Apenas para ressaltar um aspecto interessante pontuado pelo autor, no que diz respeito às classes oprimidas, estas se identificam com a classe que as domina, não como forma unicamente de exercer a satisfação de poder ser hostil. Também, pode acontecer de estas mesmas classes estarem emocionalmente ligadas aos seus senhores, podendo ver neles seus ideais. Freud aponta, ainda, que essa afirmativa é absolutamente possível uma vez que não se compreenderia por completo a sobrevivência da civilização por tanto tempo se fosse à mercê apenas de mera hostilidade.

A civilização contra a qual queremos nos opor é, segundo o autor, também a responsável por nos proteger dos efeitos da natureza. Mas a civilização só consegue isso parcialmente, pois existem situações fora de seu domínio, como a existência da morte, as catástrofes naturais, ou seja, promove incertezas que mexem com a fraqueza do ser humano.

Freud (1927/1996) faz uma comparação entre a civilização e a psicologia. Segundo ele, os homens primitivos diante dos fenômenos naturais teriam uma tendência

a personalizá-los, como seres sobrenaturais, e as crianças teriam atitude equivalente em relação aos seus pais – paradoxalmente protetores e temidos –, sentimento mobilizado pelo desamparo da criança. Porém o homem percebeu que não poderia aguardar que os deuses fossem responsáveis por esta proteção e que seria indispensável que se ocupassem do sofrimento humano e dos infortúnios provenientes da civilização. Desse modo, as ideias religiosas teriam surgido da necessidade de tornar suportável o desamparo humano em face das incertezas da vida. Apenas com uma “Providência benevolente” zelaria pelos homens desde então. A ideia de Deus seria baseada na relação da criança com o pai, conforme diz Freud (1927/1996). Estas ideias religiosas são tratadas como o mais precioso bem da civilização.

Baseado no desamparo infantil físico e psicológico sentido pela criança, que neste momento é movida a buscar primeiramente na mãe o conforto e depois no pai, Freud (1927/1996) argumenta o que a fez substituir o deus animal na origem do totemismo por um deus de rosto humano. Para ele, o sentimento de impotência da criança e seu desamparo estariam na origem da religião.

A criança naturalmente tende a fazer um elo inicial com a mãe, propiciado pela alimentação. A mãe, posteriormente, é substituída como fonte de proteção pelo pai, situação em que a criança o toma como objeto temido e admirado simultaneamente. A esse respeito, Freud (1927/1996) acrescenta:

Quando o indivíduo em crescimento descobre que está destinado a permanecer uma criança para sempre, que nunca poderá passar sem proteção contra estranhos poderes superiores, empresta a esses poderes os deuses a quem teme, a quem procura propiciar e a quem, não obstante, confia sua própria proteção. Assim, seu anseio por um pai constitui um motivo idêntico à sua necessidade de proteção contra as conseqüências de sua debilidade humana. É a defesa contra o desamparo infantil que empresta suas feições características à reação do adulto ao desamparo que ele tem de reconhecer – reação que é, exatamente, a formação da religião (p. 33).

A definição das ideias religiosas são pouco esclarecidas, segundo o autor. Ele afirma, portanto, que são ilusões, isto é, que elas constituem a realização dos mais fortes desejos da humanidade. Para um consolo de que o senso de justiça e de vida após a morte há de acontecer em nome da “Providência”. As ideias religiosas atuam como defesas contra a força esmagadora da natureza; também são altamente prezadas pelos seres humanos porque respondem algo que não se descobre por conta própria.

A crença na religião se reforça por três respostas dadas por Freud (1927/1996): pela ideia de que os primitivos já acreditavam; pela existência de provas dos tempos primitivos; pela impossibilidade de se questionar a autenticidade da religião. Assim, nada melhor que a crença em uma “Providência” capaz de mitigar o temor dos humanos perante os perigos da vida.

O propósito de Freud neste estudo é poder alertar para a necessidade da educação dos homens a fim de civilizar. Chama a isso de educação para a realidade, ou seja, o ato de fazer com que o homem amadureça e supere seu infantilismo. Atesta que a ciência não é ilusão. Ilusão é procurar noutro lugar o que a ciência não pode nos dar.

1.4 O amor como sentimento decorrente da formação das massas

Para tratar do amor, sentimento que costuma estar presente nas relações entre os membros de uma massa, não podemos deixar de remontar ao conceito de transferência. Dos textos freudianos que enfocam este conceito, utilizaremos como referência as seguintes obras: Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar (1893/1996), Fragmento da análise de um caso de histeria (1905/1996), A dinâmica da transferência (1912/1996), Observação sobre o amor transferencial

(1915[1914]/1996). Foram os textos que abordavam a histeria os propiciadores para que Freud identificasse a transferência.

No ensaio “Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar” (1893/1996), Freud tentava compreender o que teria provocado a primeira ocorrência de histeria. A paciente que era então tratada por ele, além de não gostar de discutir o que lhe acometia, era também incapaz de recordar a causa precipitante de seus sintomas. Percebeu-se, com as análises, que as pacientes histéricas tinham vivido traumas infantis, e a forma encontrada para demonstrar a conexão causal entre o evento desencadeador e o fenômeno patológico, naquele momento, era por intermédio da hipnose. O que ocasionava os sintomas era o acidente, ou seja, algo que remetia ao mesmo evento que um dia provocou o primeiro deles, a que Freud chamou de trauma desencadeador. Para amenizar o sintoma histérico, era indicado trazer à tona a lembrança associada ao despertar do afeto que a acompanhara, ou seja, traduzir o afeto em palavras. Conclui-se, portanto, que as histéricas “sofrem de reminiscências” (p. 43).

As reações desses sintomas histéricos, que podiam ser visualizados, eram formas de descarregar os afetos, muitas vezes representados por “acessos de cólera”, “desabafos pelo pranto”, etc. Porém, quando a reação é reprimida, o afeto permanece vinculado à lembrança. Em algumas situações, percebe-se que o trauma não foi suficientemente ab-reagido, seja por ser algo de caráter irreparável, que não comportava reação, ocasionando o recalque (que Freud diz ser a base dos fenômenos histéricos), seja por a natureza do estado psíquico do sujeito estar agravado. A especificidade da histeria se dará na predominância de certo tipo de identificação e de mecanismos, como o recalque, e no aflorar do conflito edipiano ocorridos nos registros libidinais fálico e oral (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001).

Mas foi em Fragmento da análise de um caso de histeria (FREUD, 1905/1996), conhecido pelo “Caso Dora”, que Freud aprofundou conceitos de sua teoria da sexualidade e da transferência. Nesse estudo, o autor já sabia sobre a etiologia psicosssexual da neurose, mas ainda não tinha reconhecido a importância da vertente homossexual presente nos pacientes. E foi justamente a ambivalência de identificações masculina e feminina tidas na histeria de Dora que provocou uma mudança no pensamento de Freud. É neste caso, também, que Freud vai perceber a participação do analista na transferência, bem como ele pensará a resistência não só mais provinda do lado do paciente, mas igualmente podendo vir do analista.

Em resumo, a paixão de Dora pelo Sr. K não foi percebida por Freud, uma vez que acreditava que as figuras masculinas (seu pai/Sr. K/ analista) eram objeto de amor de Dora e não de identificação. Freud não fez uma distinção clara de objeto de amor da identificação, vendo a relação de Dora com o Sr. K como amor e não como puramente identificatória. O que Dora faz é se aproximar do Sr. K para ver como um homem deseja uma mulher e Freud erra em não perceber este lugar que o Sr. K ocupava para Dora – tal qual, transferencialmente, o lugar identificatório que ele próprio ocupava. Os complexos mecanismos identificatórios histéricos oscilam entre uma bipolaridade sexual. O caso Dora retrata a histérica que está em busca do amor, que apresenta a demanda ao seu médico, de forma geralmente dramática e intensa, e que quer saber sobre sua feminilidade.

Remontando à “dinâmica da transferência”, Freud (1912/1996) considera que, a partir da condição inata do indivíduo somada às influências sofridas nos primeiros anos de vida, o sujeito adquire um método específico próprio de conduzir-se na vida erótica, estabelecendo as condições de enamorar-se no decurso de seu desenvolvimento. Apenas uma parte dos impulsos da vida erótica está dirigida à realidade e outra parte, a

dos impulsos libidinais, é retida, impedindo-se o contato com a realidade, exceto pela via da fantasia ou permanência no inconsciente.

Há dois aspectos que Freud (1912/1996) questiona: 1) nos indivíduos que estão em análise, a transferência é mais intensa; 2) a transferência vem a ser a resistência mais poderosa em análise. O que é importante investigarmos, aqui, não é a constatação clínica que Freud apreende, mas sim os efeitos decorrentes desta dinâmica que sejam válidos para nossa observação. Por exemplo, Freud explica que, no tratamento analítico, possibilitado pela transferência, o que acontece é que a libido revive as imagens infantis e regride, havendo um aumento da fantasia e, conseqüentemente, uma diminuição do senso de realidade. Este fenômeno aparece de modo semelhante nas relações presentes nas massas estudadas por Freud, em que os membros da massa tendem ao ocultamento da razão em detrimento da emoção.

Complementando a abordagem dos sentimentos ambivalentes, bastante característicos das históricas e das pessoas integrantes de uma massa, faz-se importante distinguir a transferência positiva da negativa, dos sentimentos afetuosos para os hostis. A primeira é considerada admissível à consciência por conter sentimentos amistosos, já a hostil remonta a fontes eróticas e, portanto, é menos acessível à consciência por remeter à sexualidade. Para Freud (1912/1996, p. 117), a “psicanálise demonstra-nos que pessoas que em nossa vida real são simplesmente admiradas ou respeitadas podem ainda ser objetos sexuais para nosso inconsciente”. Ainda neste trabalho, diz que a transferência negativa caminha lado a lado da transferência afetiva, ambas dirigidas à mesma pessoa, o que reitera a chance de uma pessoa adorada ser igualmente hostilizada.

Em 1915, em “Observações sobre o amor transferencial” (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III), Freud aponta que o enamoramento do paciente com o

analista é induzido pela situação analítica e não pela pessoa do analista. É o cenário que favorecerá este “apaixonamento”, ocasionado pela situação a que o indivíduo se sujeita.

A situação de uma exigência de amor pode ser o reflexo de uma resistência, o que poderia culminar na interrupção do tratamento. Antes, a paciente docilmente escuta tudo que seu analista tem a dizer, mas, depois, fica sem compreensão interna (*insight*) e fica absorvida em seu amor. Essa transformação acontece justamente quando a paciente se aproxima de algum fragmento particular aflitivo e provavelmente reprimido. Quando é o caso do enamoramento, “são os esforços da paciente em certificar-se de sua irresistibilidade, em destruir a autoridade do médico rebaixando-o ao nível de amante e em conquistar todas as outras vantagens prometidas, que são incidentais à satisfação do amor” (FREUD, 1915/1996, p. 180); já em relação à resistência, faz uso de seu discurso de amor para pôr o analista em xeque e testar sua severidade. Nesse trabalho, Freud tenta demonstrar que nem sempre o enamoramento tem fonte real e que pode, sim, ser motivado pela resistência através da transferência. O trabalho analítico visa desvendar a escolha objetal infantil da paciente e as fantasias tecidas por ela.

Freud (1915/1996) adiciona quanto a esse aspecto:

É verdade que o amor consiste em novas adições de antigas características e ele repete situações infantis. Mas este é o caráter essencial de todo o estado amoroso. Não existe estado deste tipo que não reproduza protótipos infantis. É precisamente desta representação infantil que ele recebe seu caráter compulsivo, beirando, como o faz, o patológico. O amor transferencial possui talvez um grau menor de liberdade do que o amor que aparece na vida comum e é chamado de normal; ele exibe sua dependência do padrão infantil mais claramente e é menos adaptável e capaz de modificação (p. 185).

Esse percurso da transferência está, como se pode ver, atrelado ao amor a todo o momento. Embora Freud faça uso do contexto clínico para obter resultados de suas investigações, percebemos que o alcance de seu conhecimento nos leva a vislumbrar outras situações como as de nosso estudo, por exemplo, a própria transferência

estabelecida na entre os integrantes dos fã-clubes e aquela que manifestam em relação ao ídolo.

1.5. A coesão da massa e sua condição

Conforme já entrevisto, a identificação é o conceito que nos permite compreender as condições de possibilidade da formação das massas. No que diz respeito a este conceito, tentaremos aqui nos centrar no que Freud nos informa sobre ele especialmente a partir de 1921, em seu ensaio *Psicologia de Massa e a Análise do Eu*. Mas retrocederemos ao texto sobre o narcisismo para acrescentar o que ele teoriza sobre as instâncias ideais.

Do amor como fator de coesão, Freud (1921/1996) passa à identificação para compreender como se desenvolve uma ligação afetiva dentro da massa. Para ele, a “identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (p. 115).

Se a grande contribuição freudiana acerca das psicologias das massas foi dar ênfase à dinâmica libidinal que perpassa as relações grupais, remontaremos ao estudo de 1914, *À Guisa de Introdução ao Narcisismo*, no qual Freud considera que os investimentos libidinais podem ser lançados ao objeto e recolhidos novamente, acreditando existir uma oposição entre a “libido do eu” e a “libido objetal” (FREUD, 1914/2004, p. 99): quanto mais uma consome, mais a outra se esvazia. Esse trabalho também trata da identificação com o objeto idealizado, a qual contribui para a formação e o enriquecimento das chamadas instâncias ideais da pessoa (eu ideal, ideal de eu).

Freud (1914/2004) aborda os conceitos de narcisismo primário e narcisismo secundário. O narcisismo primário designa de um modo geral o primeiro narcisismo, o

da criança que toma a si mesma como objeto de amor, antes de escolher os objetos externos; referente ao aparecimento da primeira unificação do sujeito, de um eu. O narcisismo secundário resulta de um retorno ao eu dos investimentos feitos sobre os objetos externos. A libido que anteriormente investia o eu passa a investir objetos externos e posteriormente volta a tomar a si como objeto de amor. De todo modo, nunca há um abandono completo do investimento da libido, seja no eu ou no objeto.

O sujeito não quer renunciar à completude de outrora, a qual é resguardada pelo narcisismo em seu primeiro momento e que provê um sentimento de onipotência e de todo poder. Ao mesmo tempo, a criança abandona seu narcisismo primário, quando seu eu se vê confrontado com um ideal com o qual se compara, em função das exigências às quais é submetida pelo mundo externo; passa a perceber que a mãe (ou pessoa que cuida) deseja além dela, ou melhor, que não é tudo para ela. Seria a dor de deixar de ser “sua majestade o bebê”. Cria-se, então, outro objetivo: o de reconquistar o amor pleno do objeto, que por sua vez, só poderá acontecer através da satisfação das exigências do “ideal de eu”.

Sobre o Eu ideal, Freud (1914/2004, p. 112) nos diz que o “amor por si mesmo que já foi desfrutado pelo Eu verdadeiro na infância dirige-se agora a esse Eu-ideal”. Dessa forma, segundo ele, “o narcisismo surge deslocado desse novo Eu que é ideal e que, como o Eu infantil, se encontra agora de posse de toda a valiosa perfeição e completude” (p.112).

Conforme define Rocha² (2002):

O Eu Ideal é uma instância forjada pela megalomania narcísica da criança. Sem ser ainda confrontada aos limites do princípio de realidade e unicamente regida pelo princípio de prazer, a criança projeta, no seu eu, o ideal de perfeição que ela imagina que seus pais, seres todo-poderosos e onipotentes, possuem. (...) O que converte

² ROCHA, Zeferino. Fundamentalismo religioso: um olhar psicanalítico. Comunicação apresentada na Mesa Redonda “Fundamentalismo religioso: diversos olhares”, promovida na semana CTCH – CULTURA, da UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco), em 17 de abril de 2002.

alguém, ou algo, em um Eu Ideal é uma atitude de incondicional admiração (p. 152).

A propósito da paixão amorosa, o empobrecimento do eu procura e encontra uma compensação satisfatória, na medida em que, graças à estrutura narcísica de seu amor, o apaixonado termina projetando o seu eu no objeto idealizado de sua paixão, sacrificando seu próprio eu em nome de um Eu ideal.

Para Freud, o narcisismo corresponde ao instante em que toda libido está reunida em torno do eu. Este instante de concentração libidinal é o ponto de partida para o investimento em objetos, ou seja, é somente através da passagem pelo narcisismo que o eu pode investir nas representações dos objetos. Assim, o sujeito vai saindo de um universo autorreferente para o reconhecimento de um universo externo, porém Freud não concebe o narcisismo como uma etapa superável dentro de um desenvolvimento cronológico. As manifestações disso atingem toda vida libidinal.

Até então, o narcisismo não é nada mais que uma identificação narcísica com o objeto. É com o surgimento da segunda teoria do aparelho psíquico (1923) que esta concepção se apaga através da introdução da noção do *isso*, da evolução da noção de eu e desaparecimento da distinção entre autoerotismo e narcisismo.

A instância Ideal de Eu será, a partir de 1923, equivalente ao supereu. É aquilo que se coloca como ideal nos pais, a ser buscado por toda a vida. O Ideal de eu, embora tenha uma origem narcísica, não se nutre apenas do imaginário nem das ambições fálicas do narcisismo infantil, mas também é uma instância que se situa no registro do simbólico, supondo abertura para alteridade. O Ideal de eu funciona como um precursor da consciência moral e do supereu. É importante salientar que o Ideal de eu está passível de regredir às satisfações ilusórias do Eu ideal.

Freud (1914/2004, p. 118) atesta que “o ideal do eu abre uma importante via para a compreensão da psicologia das massas”, pois o homem “tem, além de sua parcela

individual, uma parcela social, o ideal comum de uma família, de uma classe e de uma nação”.

Essas questões possibilitam conceber a identificação como o fator de centralidade na presente pesquisa. É importante ressaltar que tal reflexão não objetiva negar a importância dos outros conceitos, mas sim, a partir da identificação, buscar compreender o que mantém um sujeito devotado à imagem do outro.

2 A CONSTITUIÇÃO DOS FÃ-CLUBES SEGUNDO SEUS MEMBROS

Neste capítulo, visamos descrever os dados coletados das entrevistas realizadas com os fã-clubes de nossa amostra. Quanto a essa descrição, destacaremos os seguintes tópicos: a constituição do fã-clubes; a relação entre os membros do fã-clubes; os membros do fã-clubes e seu ídolo; os sentimentos experimentados pelos fãs; as condições estabelecidas para a manutenção do grupo de fãs.

Iniciaremos com as descrições do fã-clubes Tamborim³, composto em sua maioria por mulheres, com faixa etária entre 20 e 40 anos. A artista idolatrada por ele é uma cantora, identificada por nós como cantora X, que está na mídia há menos tempo que os demais ídolos dos outros fã-clubes. O fã-clubes Pura Sintonia, de que trataremos a seguir, possui integrantes com idade acima dos 45 anos, de ambos os sexos, e cultua um conjunto de cantores, que denominaremos banda Y. Por último, descreveremos o grupo Brilho Intenso, que possui fãs de maioria masculina, com idade acima dos 50 anos, e que gosta do cantor Z.

O primeiro contato ocorreu com o fã-clubes Tamborim, por meio da Internet, especificamente por um programa de relacionamentos. Apresentamos à presidente desse grupo o propósito de nossa pesquisa para, assim, realizarmos a entrevista. Com os fã-clubes Pura Sintonia e Brilho Intenso, o contato ocorreu por intermédio de uma profissional da área da Música, a qual nos comunicou a respeito dos programas de rádio que ambos os fã-clubes produzem sobre seus ídolos. A partir disso, procuramos os líderes desses grupos, e os encontros foram marcados.

Em todos os casos, foi preciso que os líderes dos grupos concedessem autorização para publicarmos os dados colhidos, considerando que as informações

³ Para preservar a identidade dos fã-clubes entrevistados, bem como a de seus membros, optamos por nomeá-los de forma fictícia ao modo dos procedimentos de relatos de casos clínicos.

seriam eticamente respeitadas, no que diz respeito à preservação da identidade de cada líder, de seu fã-club e dos ídolos.

2.1 Descrição do fã-club e Tamborim

- A constituição do fã-club e

Criado em 2001, o fã-club e da cantora X, sediado em Fortaleza, nasceu de uma lista de discussão de fãs sobre a artista no Brasil. Três das participantes resolveram se reunir, pois moravam em Fortaleza e estavam na mesma lista. Do encontro, nasceu a ideia de criação do fã-club e, bem como do nome que este receberia. O nome escolhido é fruto de um trecho de uma música da cantora que faz referência ao universo nordestino. Daí em diante, surgiu uma lista de discussão própria, e outras pessoas foram convidadas a participar. Criaram em conjunto um *blog* na Internet e uma comunidade em um programa de relacionamentos também na Internet para que pessoas interessadas tenham fácil acesso e venham a integrar o grupo, bem como para publicarem informações sobre a cantora e atividades do próprio fã-club e. Quando este havia sido recém-fundado, a cantora estaria, dentro de dois meses, na capital cearense, para fazer um show, que seria sua participação na 1ª edição de um festival local.

A criação do fã-club e foi motivada pelos atributos da arte, da expressão e do talento de uma das maiores representantes da Música Popular Brasileira (MPB) moderna, segundo a presidente do grupo informa. Este, reconhecido pela própria artista e por sua produção, possui sócios e representatividade em outros estados, sobretudo no Nordeste. Estima-se que cerca de vinte pessoas participam deste fã-club e.

- A relação entre os membros do fã-club

A presidente não hesita em dizer que há muita amizade e companheirismo entre os membros do fã-club. Existiram aborrecimentos relacionados a algumas pessoas que se aproximaram do grupo para obter informações privilegiadas e o reconhecimento por parte da produção da cantora que, na realidade, é mérito do fã-club como um todo. Foi necessário que essas pessoas fossem excluídas do grupo, uma vez que não se afinaram com o propósito do fã-club: unir os fãs. Apesar desse mal-estar, afirma que só as coisas boas ficam e que seu grupo resistiu ao que chamou de tempestade, mas permanece sólido. A líder vê o fã-club como um meio de fazer novas amizades, de encontrar pessoas com assuntos em comum e de se divertir. Pondera que o fato de seu fã-club ser reconhecido colabora bastante para a ocorrência dos shows da cantora na cidade, uma vez que a produção sabe e reconhece que há aqui um público fiel. Ri e comenta que não é à toa que todo ano ela vem para a cidade de Fortaleza.

- Os membros do fã-club e seu ídolo

Há contato entre o fã-club Tamborim e a cantora X, quando esta vem a Fortaleza. Ela recebe os membros em seu camarim após o show e “trocam figurinhas” sobre o fã-club, além de conversarem outros assuntos quando há tempo. Os e-mails escritos para a cantora são recebidos pelo produtor dela para que ela responda e, depois, ele os reenvia para os fãs. Isso se dá dessa forma, segundo a presidente, por uma questão de confidencialidade. Diz que a cantora sempre presenteia o fã-club com cortesias, mesas e camarotes nos shows. Mais recentemente, receberam da gravadora o último cd e o último dvd.

- Os sentimentos experimentados pelos fãs

Para a presidente, é importante para os fãs da cantora X terem uma identidade própria no Ceará, pois querem mostrar que seu povo não gosta só de forró ou de axé *music*, mas de outros estilos ricos em conteúdo, em termos de letra e música.

Acredita que exista certo preconceito quando se diz fã ou pertencente a um fã-clube, por associarem imediatamente à imagem de um fanático desocupado, que não tem vida própria e que vive em um mundo de fantasia onde só respira o universo de seu ídolo. Faz questão de se posicionar como uma fã que é uma pessoa comum, que trabalha, tem sua família, tem uma vida e que está unida aos membros do grupo devido a um gosto comum. Mas sente orgulho em pertencer a um fã-clube como o seu, reconhecido pela produção da artista e por ela mesma, e alega fazerem os membros um trabalho diferenciado; justamente por isso, o grupo é procurado pela mídia quando ocorre show da artista na cidade, o que faz a diferença para ela.

Assinala, sem prolongamentos, que a cantora X é representação de arte, poesia, amor ao trabalho e à música. Também é um exemplo de sagacidade e inteligência. Em linhas gerais, resume o trabalho do ídolo: amor pela arte.

- As condições estabelecidas para a manutenção do grupo de fãs

Não existe muita burocracia para a entrada de novos fãs da cantora no grupo Tamborim, segundo a presidente. Basta a pessoa entrar na comunidade do fã-clube no site de relacionamentos da Internet (que possui o nome do fã-clube) e ficar sabendo das datas dos shows, dos encontros do grupo, dos eventos, etc. É importante ter a blusa do fã-clube, pois as integrantes do grupo sempre vão aos shows uniformizadas.

O diferencial do grupo, considerado pela entrevistada, é que, desde sua fundação, sua intenção é divertir e unir os fãs da cantora X e nunca buscar disputa ou

confusão. Não há tolerância para esse tipo de atitude; e membros que ousaram invadir o camarim da cantora sem a autorização ou conhecimento da presidência chegaram a ser expulsos.

Os encontros mais frequentes entre os membros costumam acontecer na véspera de shows ou quando as integrantes necessitam definir algo do fã-club. A presidente afirma que já precisaram se reunir, por exemplo, para decidir qual presente mandariam para a cantora em seu aniversário. Outro encontro surgiu para distribuírem brindes que ganharam da gravadora da artista. O mês de aniversário do fã-club, agosto, sempre é comemorado. Basta haver um evento importante para se reunirem, porém não existe agenda pré-definida.

2.2 Descrição do fã-club Pura Sintonia

- A constituição do fã-club

A ideia de unir os admiradores da banda Y partiu da atividade profissional de um deles como locutor de uma rádio local, onde é realizado o programa sobre os ídolos, há aproximadamente vinte anos. Até então, havia um programa dedicado, a cada dia, a tocar músicas de uma língua específica, e decidiram, em nome da paixão pela banda Y, reformular a proposta do programa voltando seu tema para a língua dos componentes da banda. A escolha de um programa exclusivo foi pautada não apenas pela adoração por músicas da banda, consideradas de bom conteúdo, mas por propagar as novidades sobre os ídolos. A princípio, a junção do grupo era o locutor e uma colega. Os demais fãs que vieram a participar do grupo, ao longo dos anos, foram se aproximando igualmente em virtude de terem afinidade com as músicas da banda. Hoje, eles também agregam valor ao programa. Alguns já se comunicavam pelo telefone, vindo a se conhecer

pessoalmente em 1990, no avião, indo para o show de um dos cantores da banda Y no Brasil, e outro deles, que já era ouvinte, foi chamado a participar do grupo porque possuía um material que o grupo não tinha.

O encontro entre os membros do fã-clubes Pura Sintonia é semanal, fixado na programação da rádio formalmente, com duração de duas horas. Porém a reunião dos membros não se restringe ao programa; ocorre em paralelo com shows noturnos de uma banda *cover* pertencente a um dos membros do fã-clubes. Também acontecem reuniões extras quando é preciso agenciar algum evento relativo à banda adorada.

Hoje, o grupo Pura Sintonia possui seis integrantes fixos, e os demais participantes são bem-vindos. A faixa etária dos membros fixos varia de 45 a 60 anos, e há apenas uma mulher nesta composição.

- A relação entre os membros do fã-clubes

Os integrantes do Pura Sintonia participam, quando convidados, de mesas-redondas que falam sobre a banda cultuada, o que, para eles, é um momento para se reunirem. Também existe uma confraternização anual para o grupo e todos os fãs da banda Y, no período entre o Natal e o Ano-Novo, quando o integrante do fã-clubes que possui a banda *cover* se apresenta. Segundo nos informam, é um evento que já cresceu tanto que possivelmente não caberá mais no local em que sempre vem ocorrendo, pois o público já passa de 8 mil pessoas. Surpreendem-se por ser um evento de grande porte, no qual não existe briga nem desordem. É um evento gratuito. Esta mesma banda *cover* faz shows constantemente em alguns locais da cidade, onde os outros participantes costumam comparecer para prestigiar o colega de grupo e se deliciarem ao som da banda Y.

Um dos participantes nos disse que a amizade era restrita ao momento em que ia ao programa, embora confesse ir aos shows e demais eventos da banda Y. Cada um possui uma atuação profissional paralela, e o que vem realmente reuni-los é a adoração pela banda Y. Outro deles chama de “família” a formação do grupo pelo fato de estarem reunidos com esse propósito, uma vez que abdicam de suas famílias reais para imergirem na vida dos ídolos.

Os membros do fã-clubes acreditam que, para participar de um grupo como esse, a pessoa deve ter a perspectiva de ser parceira e manter viva e ouvir a música de que gosta. Segundo eles, não há divisão, “clubes do Bolinha ou da Luluzinha”, todos interagem bem.

É a troca de informações que anima os integrantes nessa união e o fato de estarem atualizados. Realizam-se recebendo novas informações bem como repassando, afinal, em se tratando da banda Y, sempre existe coisa nova, como nos dizem. Traduzem a união como sendo o “alimento da alma”, “uma terapia coletiva”, “uma cachaça”, pois ali, junto com os demais colegas, podem compartilhar angústias no que diz respeito à banda cultuada.

- Os membros do fã-clubes e seu ídolo

“Gênio”, “genial”, “emoção”, “intelectualidade”, “sentimento” e “talento”, são algumas das palavras associadas aos ídolos.

A faixa etária dos participantes do fã-clubes Pura Sintonia é equivalente, e comentam que, desde cedo, na adolescência, liam muito sobre os cantores da banda Y. Música sempre foi um tema de que gostaram, e a banda Y era tida como diferente das outras, era melhor que as outras, para eles – embora apreciem MPB, por exemplo. São tão apreciadores do conjunto Y que confiam que, das bandas surgidas no século XX, só

esta vai restar como referência, e por mais pelo menos duzentos anos; acrescentando que já há mais de cinquenta cds de orquestras sinfônicas e filarmônicas tocando músicas da banda Y, de modo que é tratada de uma maneira erudita.

Mas o que realmente admiram é a criatividade e o talento de cada um dos cantores que integram a banda Y, que teve a sorte, segundo eles, de unir grandes compositores talentosos. Assim, sentem-se bem ouvindo música de qualidade de quem sabe que tem genialidade. As letras, as músicas, a harmonia, o estilo de vida, o estilo de dar entrevistas os cativam, e reiteram que isso não seria uma percepção só deles, mas “a própria verdade”.

Outro integrante do fã-clubes nos diz que a relação com o ídolo é diretamente ligada à vida deles e que essa paixão dos fãs se justifica apenas pela música. Não se considera saudosista, pois, se aparecer coisa melhor, diz que irá gostar também, mas completa que até então é praticamente impossível aparecer. Todos os sentimentos que a banda Y lhe permite ter devem-se às harmonias, às melodias e aos vocais. Uma vantagem é o fato de que todos os membros da banda cantavam. A outra vantagem apontada é que nenhuma música é parecida com a outra, nenhuma música é utilizada com o mesmo instrumental que a outra. É criatividade, questão de gênio, segundo o membro do fã-clubes.

Já outra participante, que está no grupo desde o princípio de sua formação, acredita que os membros desse fã-clubes enriqueceram muito sua vida em termos culturais, chegando a exercer sua profissão baseada no amor pelos cantores. Em sua casa, particularmente, a música sempre foi muito presente, o rádio constantemente ligado, mas a banda Y, para ela, foi “uma *tsunami*”. Comenta que, sem essa sua paixão pela banda Y, sem seus discos, etc., sua vida certamente seria mais pobre.

Quando perguntados se havia algum contato com o ídolo, cada um falou um pouco de sua experiência. Um deles já foi ao show da banda Y duas vezes no Brasil, tendo o prazer de assistir ao vivo. Em uma viagem internacional, esteve presente em um debate do qual participava um produtor da banda.

O locutor principal do programa e líder do grupo é inscrito no *site* oficial da banda Y, de modo que ele recebe qualquer comunicação enviada sobre ela. Chama sua relação com a banda Y de virtual, pois é a Internet que proporciona essa aproximação. Esse membro esteve em uma convenção dos fãs da banda Y, nos Estados Unidos, em que conheceu o fotógrafo oficial da banda.

A participante que chegou a ter um contato mais próximo com um dos cantores diz ter falado com ele e ter tirado fotos. Quando esteve na cidade dos cantores da banda Y, ocasião em que foi fazer um curso, conseguiu dar castanhas de caju para ele, dois beijos no rosto e cartões-postais de sua cidade. Teve medo de não conseguir esconder a emoção, não sabe dizer como foi a sensação no momento. Consegue apenas dizer que foi “uma alegria muito grande”. Um dos cantores se tornou seu ídolo pelo fato de se cuidar, de gostar da vida, de ser “pra cima”; a fã acredita que “ele nunca teve essa coisa de depressão ou, se teve, nunca apareceu como esses outros artistas”.

- Os sentimentos experimentados pelos fãs

O sentimento citado pelos integrantes do fã-clube, praticamente em comum acordo, é o prazer em poder trocar informações relativas a seu ídolo. Dizem que, se precisarem comprar algo caro, por exemplo, eles rateiam o valor do objeto comprado e depois copiam para que cada um tenha o seu, ressaltando que o objeto original é sorteado entre eles. Pregam também não haver diferença e que tudo entre eles é

compartilhado, pois estão ali em prol de um prazer comum: falar sobre a banda Y e conhecê-la.

Outros sentimentos despertados são emoção e harmonia, além do fato de perceberem que tiveram a vida enriquecida por meio da relação estabelecida com a banda Y.

- As condições estabelecidas para a manutenção do grupo de fãs

Os integrantes do grupo Pura Sintonia, além do programa semanal de rádio, também costumam ir a outros programas para os quais são convidados a fim de falar sobre seus ídolos. Segundo aqueles, não são obrigados a ir; se vão, é por prazer.

A maior organização a que se submetem é a divisão do programa, em que a primeira hora é dedicada a lançar uma obra dos cantores, ou algum evento importante relativo à banda, e, na segunda parte, que tem vários quadros, divulgam-se músicas da banda Y tocadas por outras pessoas. Também fazem parte da programação notícias sobre a banda Y e as influências desta banda pelo mundo; finaliza-se o programa com a ligação dos ouvintes e fãs, quando os integrantes respondem ao que lhes é questionado.

A filosofia do grupo Pura Sintonia é dividir a emoção de conhecer mais a obra da banda Y. Amizade e companheirismo caracterizam as pessoas que dele participam, bem como sentimentos de fraternidade, igualdade, liberdade. Dizem-se fanáticos pela música e não pelos membros da banda Y.

Para fazer parte desse grupo, segundo eles, basta ser ouvinte, gostar da banda Y e ir ao programa. Atualmente, existe uma fã e ouvinte que os ajuda voluntariamente atendendo aos telefonemas das pessoas que querem saber informações, pedir músicas, contribuir com novidades, etc. e, dessa forma, está inserida no grupo.

Também não são aceitas no grupo pessoas que buscam tirar proveito para causas próprias, como não pagar pelos objetos que são novidade.

2.3 Descrição do fã-clube Brilho Intenso

- A constituição do fã-clube

O fã-clube Brilho Intenso tem dimensão nacional, mas possui sede local. Os líderes entrevistados são os responsáveis por manterem atualmente programas de rádio e um *site* na Internet sobre o cantor Z; um deles é o proprietário do local em que se reúnem os fãs do grupo. Houve um percurso para que houvesse a integração dos membros locais ao fã-clube nacional, que descreveremos a seguir.

O proprietário da sede onde se reúnem os fãs do cantor Z, antes de se integrar ao fã-clube, se uniu a outro fã do cantor por intermédio de uma terceira pessoa. A descoberta deste outro fã do cantor Z despertou o interesse do proprietário da sede e fez este buscar contato para falar do ídolo que admiravam em comum. Dessa aproximação, os dois cultivaram a amizade, chegando até a trabalhar juntos profissionalmente, e, há cerca de vinte anos, essa parceria se mantém. Afiliaram-se ao fã-clube nacional e, em seguida, decidiram gerar uma sede local com a colaboração de outros membros residentes na mesma cidade.

O fã-clube nacional, por sua vez, foi idealizado por um fã do cantor Z residente em outra cidade, a partir de um *site* da Internet. Um dos fãs locais do cantor Z colaborava a distância com este idealizador, no que dizia respeito às informações sobre o ídolo, bem como nos trâmites para o cadastramento de novos fãs. O *site*, segundo o líder local, foi o primeiro grande ponto de encontro dos fãs; daí, surgiu virtualmente o fã-clube Brilho Intenso. Logo, esse líder se uniu aos dois membros acima (o proprietário

da sede e seu então colega), formando um “núcleo de amigos reais”, fazendo promoção do cantor Z de forma isolada do grupo como um todo, porém conservando o mesmo nome do fã-club. Um tempo depois, descontinuaram o fã-club virtual e, hoje, apenas as ações dos membros locais é que estão ativas – e, mesmo assim, bem menos intensas do que foram anteriormente por conta da falta de tempo.

Antes mesmo de se reunir com os outros integrantes do fã-club, o proprietário da sede diz que este local já existia antes mesmo da criação do grupo de fãs, afinal já era fã e possuía uma imensa vontade de prestigiar o cantor Z. Mas hoje, para que a sede mantenha a caracterização peculiar que possui, o fã conta com a ajuda de seu colega, também integrante do fã-club, unindo os acervos que possuíam, afinal dispunham de inúmeros documentos, discos, arquivos, etc. do ídolo, e era intenção deles ilustrar a casa com esses recursos.

Atualmente esse grupo de fãs locais se resume a quase 20 participantes, todos eles do sexo masculino e com faixa etária a partir dos 45 anos. Estima-se que cerca de 500 pessoas compareçam às festas por eles organizadas.

- A relação entre os membros do fã-club

Um dos líderes entrevistados, especificamente, é conhecido pela mídia não apenas por causa da adoração ao cantor Z, mas por possuir o ambiente que teve como objetivo inicial homenagear o artista – que é hoje a sede do fã-club. Esta sede tem imagens, estátuas, réplicas, etc. referentes ao cantor Z. O outro membro e também líder, que era um dos organizadores do fã-club virtual, atualiza um *site* da Internet publicando um *clipping* de notícias sobre o cantor e comanda dois programas de rádio

que têm a programação exclusivamente voltada para músicas e assuntos sobre o artista idolatrado.

O proprietário da sede nos diz que, de fato, a união entre os membros é antes de tudo uma oportunidade de lazer com pessoas que buscam o mesmo objetivo. Também nos diz que, quanto maior a comunicação entre eles, mais forte fica o movimento de se aprofundar na arte do cantor Z, por isso, quando podem, estão juntos.

Prova disso é que eles reuniram o acervo que tinham e fotocopiaram o que foi possível para levar à sede tudo que dissesse respeito ao cantor, como forma de propagar a evolução e as fases deste artista. Os arquivos originais, naturalmente, ficam em suas respectivas casas para que não se apaguem as fotos com a exposição ao sol. Eles mantêm total cuidado e zelo com essas raridades.

Afirmam que, além da relação profissional, no caso de dois deles, a amizade é um ponto extremamente relevante, pois costumam ir a passeios juntos, e as esposas costumam se dar bem. Os encontros servem para eles ouvirem as músicas e comentarem sobre a carreira do ídolo.

Dizem-se extremamente realizados por pertencerem a um fã-clubes, pois, “desde que se entendem por gente”, são fãs desse artista. É por causa dessa união que um deles nos diz que há espaço para lembrar o que faziam nos tempos passados e o que isto trazia de bom para eles. Acrescenta que cada música representa uma parte de sua vida.

Alguns marcos do fã-clubes Brilho Intenso são motivo de anualmente se reunirem para comemorações. Um deles é o aniversário do cantor Z, e promovem uma confraternização. Esta reunião pode ser tanto na sede como em outro local informal, seja um restaurante ou um bar, a critério do grupo. Também, criaram o dia nacional desse cantor, que é igualmente uma ocasião de celebração.

Foi também considerado por um dos líderes que a relação entre os participantes do fã-clubes pode ser permeada por ciúmes em virtude de comparações, se um fã tem menos acervo que o outro, por exemplo. Pode, por outro lado, acirrar uma disputa caso algum membro, imbuído de vaidade, acredite ser o fã que mais goste do cantor Z quando compete com os outros. Em todo caso, não foi citado por ele que no grupo Brilho Intenso tenha havido algo semelhante.

- Os membros do fã-clubes e seu ídolo

Todos os entrevistados, antes de qualquer direcionamento de suas vidas, como o casamento, por exemplo, já eram fãs do cantor Z. E, para eles, seu ídolo é “tudo”. É tão importante que, para um deles, é imprescindível que sua família respeite essa paixão, uma vez que as músicas do ídolo se encontram em sua existência, segundo nos fala. Acredita, inclusive, não ter prejuízos em sua admiração ao cantor, pelo contrário, isso só lhe traz alegrias. Outro fã nos fala que o cantor representa nas músicas aquilo que ele, como fã, sente, aquilo que entende como “modelo de conduta”, no que diz respeito ao posicionamento do ídolo até mesmo fora do palco, quando verifica que o cantor se preocupa com sua imagem e em transmitir bons valores.

Com relação ao contato com o artista, o proprietário da sede do fã-clubes já esteve com ele por quatro vezes. Em todas as ocasiões, o fã era contatado pela produção do cantor para ir ao camarim após seu show, e essas oportunidades só aconteceram por conta de uma entrevista que este fã concedeu em rede nacional, divulgando a sede do fã-clubes. Comenta, ainda, a repercussão dos encontros com o ídolo, o qual, segundo ele, foi “aberto e brincalhão” buscou descontrair durante os encontros, que eram rápidos porque o tempo do cantor é “precioso”.

Já outro entrevistado evita falar com o artista. Diz-nos que quer o cantor como seu ídolo e não como seu amigo. Por ter ouvido o depoimento de um fã de um outro artista que, quando o encontrara, se decepcionou, nosso entrevistado disse não querer passar pela mesma experiência, pois, segundo ele, “perde-se o encanto”. Há um medo declarado de cair a idealização. Ídolo, para ele, significa uma realização em sua vida.

Para o proprietário da sede do fã-clube, o fato de o cantor Z, em um de seus reencontros, chamá-lo pelo nome foi muito marcante, afinal seu nome não é fácil de ser lembrado, não é comum. Satisfaz-se dizendo que não há homenagem no mundo para um artista como a que existe na sede do fã-clube. E ele tem razão, afinal são muitas as reverências em prol do cantor adorado.

Vale ressaltar que os demais participantes do fã-clube não estabeleceram contato com o artista idolatrado.

- Os sentimentos experimentados pelos fãs

Os membros do fã-clube Brilho Intenso consideram que adorar o cantor Z por meio de suas canções, principalmente, é relembrar fatos da vida, memórias, amores da mulher, esposa, namorada, filhos, pais, netos, etc. Seja amor carnal, fraterno, paixão, as emoções reavivam ao ouvir o cantor – tanto que a emoção é um sentimento que esteve presente durante toda a entrevista.

Na sede, segundo eles, existe um local apropriado para se emocionar. Aquele que fica sensibilizado quando escuta uma música especial se dirige a este espaço, ficando declarado que sua motivação tem base em grande emoção. Aliás, o propósito de um membro desse fã-clube é que ele ouça, acompanhe e sinta o cantor Z.

Sentimentos relacionados a “realização da vida”, “elucidação de memórias”, “meditação sobre o bom da vida”, “reviver o que é bom”, foram unânimes entre os entrevistados.

- As condições estabelecidas para a manutenção do grupo de fãs

Segundo os membros do grupo Brilho Intenso, para um membro ingressar neste fã-clube, é preciso ter interesse e gostar do cantor Z. Não há obrigatoriedade de ir à sede nos fins-de-semana, embora os fãs costumem, com certa frequência, aparecer por lá.

As atividades que realizam e que precisam de certa organização são os programas de rádio semanais, coordenados por um dos líderes, e as festas relativas às datas do aniversário do cantor Z e do dia nacional dele, quando dividem as tarefas. Outro momento de reunião dos membros é quando o cantor está prestes a fazer um show na cidade. Para este acontecimento, eles vão caracterizados com roupas que, na maioria das vezes, apresentam foto do ídolo ou que reproduzem a vestimenta característica do cantor.

As regras são pouco estabelecidas, não há mais o cadastramento para o ingresso de uma pessoa no fã-clube. Para entrar, basta admirar o cantor Z e gostar dele. O preceito básico para o grupo se manter em harmonia é ter bom senso.

Com relação aos conflitos, segundo eles, existem, mas sempre são resolvidos. Normalmente os problemas que aconteceram estavam relacionados à tentativa de alguns fãs de se promoverem à custa do fã-clube, tanto perante a mídia como ao próprio cantor. Os integrantes do Brilho Intenso buscam divulgar espontaneamente a obra do artista e esperam que os fãs interessados em se fazer membros desejem, antes de qualquer coisa, compartilhar com a maioria. Caso contrário, este fã está sujeito a ser isolado dos demais.

3 RESULTADO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Analisaremos, neste capítulo, a partir dos conceitos trabalhados no primeiro capítulo, as entrevistas realizadas com grupos de fãs. Para tal, consideraremos como referenciais de análise as seguintes questões: que tipo de grupo pode ser identificado no grupo de fãs, considerando a classificação empreendida por Freud (1921/1996); quais os mecanismos de identificação que podem ser reconhecidos no modo como se estabelecem as relações entre os membros participantes dos fã-clubes e destes com seu ídolo; quais os aspectos simbólicos e/ou imaginários porventura existentes na dinâmica grupal.

3.1 Caracterização psicológica do grupo fã-clube

O grupo de fãs pode ser definido como uma união de pessoas que têm interesse comum por certa causa. Porém resumir a caracterização do grupo de fãs ao que já é popularmente conhecido em nada contribuiria para nosso estudo. Sendo assim, se investigarmos o que Freud (1913/1996;1921/1996) abordou a respeito dos grupos por ele estudados – a Igreja e o Exército –, poderemos analisar com mais precisão o que seria um grupo de fãs da atualidade, a partir dos que foram por nós entrevistados.

Conforme dados anteriormente descritos no capítulo anterior, podemos afirmar que a constituição de cada fã-clube tem a sua especificidade, uma razão para existir e uma filosofia que é muitas vezes partilhada por quem deseja se incluir em grupos desta natureza. Ingressar em um grupo de fãs significa, para seu futuro membro, abdicar de suas singularidades em prol dos ideais coletivos e, com isso, respeitar as regras estabelecidas para tal enlace, tendo como foco um objetivo comum.

Freud (1921/1996) observou que as características dos grupos podem admitir diversas variações. Os grupos podem ser efêmeros, duradouros, homogêneos, heterogêneos, naturais, artificiais, primitivos ou altamente organizados. O estudo de Freud acerca dos grupos artificiais, como a Igreja e o Exército, enfatiza a presença neles de um líder e a proteção da dissolução que estes grupos possuem. Freud (1921/1996), então, apontou que o grupo Igreja, representado pelos “irmãos”, estava reunido em nome de Cristo, e o grupo Exército, por sua vez, em reverência aos chefes das hierarquias a que se submetem. A prevalência da ilusão de um líder, que ama a todos os indivíduos igualmente, é crucial para a manutenção dessa união. Estas caracterizações freudianas acerca dos grupos artificiais servirão de referência para apontarmos o que existe em comum com os grupos por nós estudados, bem como as possíveis diferenças entre eles.

Começaremos por delinear as características de um grupo artificial: durabilidade, estabilidade, organização, ilusão de haver um líder que ama a todos, necessidade de coerção externa para assegurar a coesão, sentimentos ambivalentes e o fato de a pessoa não ser consultada ou não ter escolha sobre o desejo de ingressar ou não em um grupo como esses. Este último aspecto já seria o primeiro ponto de discordância com relação a um fã-clube, visto que o fã, ao ingressar em um grupo desse tipo, faz esta opção espontaneamente.

Vejamos a formação dos grupos que entrevistamos. O fã-clube Tamborim foi criado pela iniciativa própria de pessoas que gostavam da cantora X. Dessa união, surgiu uma lista de discussão particular e um *blog*, que é atualizado quase diariamente, para se falar de assuntos pessoais ou profissionais que dizem respeito à cantora, e que serve de espaço para apresentarem as atividades do fã-clube. Além disso, esse grupo anualmente comemora o aniversário de sua criação e tem como propósito não somente

falar da artista, mas atrair novos fãs e conhecer ou rever amigos. O convite é aberto a todos os fãs da cantora idolatrada, de modo que este sentimento não seria algo imposto, mas sim peculiar ao fã. Disse-nos a presidente do grupo com relação ao ingresso de novos fãs: “Hoje não temos muita burocracia em relação a isso. Simplesmente a pessoa entra na comunidade do *site* de relacionamento do fã-club e fica sabendo dos encontros, shows, eventos etc. Também é importante ter a blusa do fã-club, pois nos shows vamos sempre uniformizados”.

Quanto à formação do fã-club Pura Sintonia, a integração dos fãs admiradores da banda Y partiu de um interesse pelas músicas juntamente com o objetivo de veicular e partilhar as informações mais recentes acerca dos ídolos componentes da banda. Nesse grupo, já se observa que tencionam algo além da apreciação da música, pois querem estar conectados com o que os demais fãs do grupo Y estão descobrindo sobre os referidos cantores. Logo, o fã-club Pura Sintonia está reunido pelo valor intelectual que a banda possui, na opinião deles. Paralelo ao trabalho de divulgação sobre os ídolos, o grupo também se reúne em momentos de lazer porque os membros se tornaram amigos, como diz o presidente do grupo: “Aqui a gente conta piada... Tem o futebol também. É como uma terapia coletiva, porque certamente em outro local você não teria como conversar sobre suas angústias”. É um grupo, portanto, que tem o elo mantido pela afinidade musical, mas desenvolve, a partir dessa característica comum, um momento de troca, a amizade. Assim, agregados pelo lado intelectual ou pela oportunidade de lazer, os membros pertencentes a esse fã-club não dependem de uma imposição alheia para gostarem de estar reunidos. Vimos, novamente, a espontaneidade nessa escolha.

Por último, o fã-club do cantor Z, o Brilho Intenso, igualmente acolhe os fãs de maneira espontânea. Equivalente aos outros fã-clubes, a adoração pelo ídolo é pré-requisito para integrar o grupo. Mas o diferencial, neste caso, é que a reunião dos

membros acontece, na maioria das vezes, em um lugar especialmente dedicado ao fã-clube, tido como sua sede. Neste local, os momentos de encontro são de lazer, conferindo rápido entrosamento àqueles que lá frequentam ou mesmo aos recém-chegados. Inicialmente, o fã-clube até dispunha de cadastramento de sócios, porém os membros optaram por abdicar dos transtornos que demandam esse tipo de organização, no intuito de serem informais. Quando um fã se interessa em participar do grupo, ele telefona ao responsável pela administração da sede, identifica-se e é recebido pelo grupo de fãs na sede. Este local é o escolhido para recepção de novos fãs por tornar presente o ídolo de diversas maneiras, inclusive na decoração do ambiente. Outra forma de acesso dos fãs acontece por meio de um *site* na Internet, onde é possível saber quais as notícias recentes acerca do cantor, bem como ter conhecimento das confraternizações promovidas pelo fã-clube. A formação do grupo não foi diferente, como citamos, e parece favorecer a maneira voluntária de relacionar-se para aqueles que pretendem fazer parte dele.

Quanto à característica dos grupos artificiais de induzir a participação do indivíduo, mesmo sem vontade própria, de um grupo, apontamos sem hesitação que a definição de fã-clube que estamos analisando não ignora o desejo do participante, muito menos inibe a expressão deste sentimento, tão indispensável para justificar o interesse e a permanência do fã em uma relação dessa natureza. Embora esta diferença quanto aos grupos artificiais seja, de partida, a mais evidente, pelas razões já consideradas, existem outros aspectos presentes na definição dos grupos artificiais que se assemelham ao funcionamento de um grupo desse tipo.

Consideremos as características de durabilidade e estabilidade. Dois dos fã-clubes entrevistados (Y e Z) existem há quase vinte anos e o outro (X) está próximo da comemoração de seus nove anos de fundação. Apenas pelo tempo de existência já

poderíamos inferir que eles têm durabilidade e estabilidade. Para o grupo poder ser considerado durável e estável, no entendimento de Freud (1921/1996), é preciso honrar as regras impostas e atender aos mandos do líder. Já vislumbrava Freud (1913/1996) que todo grupo humano para existir necessita de leis civilizatórias para regular a relação entre seus membros, e no grupo de fãs não é diferente. O que se observa é que as regras aplicadas nos grupos de fãs, quando comparadas às dos grupos artificiais, são mais flexíveis. Com base nas entrevistas, essa maleabilidade na aplicação das regras assim se constitui por atrelarem ao diletantismo a razão de se organizarem em grupo, e, por isso, não caberia ordenar regras radicais já que as pessoas que optaram por participar do grupo são cientes das restrições que lhes são impostas.

A fã da cantora X afirma que a ideia de criação de seu grupo serviria para que tivessem uma “identidade própria” como fãs dessa artista, bem como um meio para diversão, mas para isso seria preciso respeitar a privacidade da cantora, como não invadir palco ou camarim em seu show. O fã-clubê Pura Sintonia também atribui ao prazer de ouvir as músicas de seus ídolos a razão principal de seus encontros; então, a regra é que as pessoas se aproximem para “curtir”, embora o acordo para permanecer no grupo seja que aquele que conquiste alguma raridade referente ao ídolo deve compartilhar com os demais, afinal a filosofia deste grupo é “dividir a emoção de conhecer mais a obra da banda Y”. Os fãs que integram o grupo Brilho Intenso, os quais contribuem com a promoção do cantor Z (estampando a foto do ídolo nas camisas que vestem nos shows, por exemplo) e têm paixão pela obra de seu ídolo, não desconhecem que, para ali permanecer, deverão não objetivar ter interesses pessoais de favorecimento, como utilizar o prestígio do fã-clubê para ser reconhecido pela mídia ou para competir com outro fã, pois o propósito, ao contrário, é ter o momento dos encontros do grupo como uma oportunidade de lazer.

Toda a estruturação do que é permitido ou proibido na dinâmica grupal advém da própria liderança do fã-clube, que costuma ser representada pelos idealizadores do grupo. Mas a razão inicial para o grupo se constituir centraliza-se na figura do ídolo venerado, o qual pode ser concebido como o “cabeça” do grupo, tal qual Freud (1921/1996) nomeava o líder da Igreja (Cristo) e o do Exército (os chefes das hierarquias). Esta representação do ídolo perante o fã-clube, no que diz respeito ao prestígio que exerce diante de seu fã-clube, corresponde ao modelo de líder apreendido dos grupos artificiais. Este ídolo, portanto, além de possuir influência semelhante sobre a massa, desperta ilusoriamente um sentimento de reciprocidade – o de que ama igualmente seu fã –, de modo que, através dessa crença, consegue atrair a doação das pessoas – uma manifestação de subserviência ao ídolo. E é por estar relacionado, para os fãs, a esses atributos, que o respeito aos “mandos do líder” se concretiza, possibilitando a durabilidade do grupo. No entanto, é importante assinalar que os “mandos do líder”, no caso dos fã-clubes, são intermediados pelos organizadores e líderes internos do grupo e não pelo próprio sujeito idolatrado. Isto se dá a partir das regras estipuladas pelos idealizadores do grupo, conforme foi dito, as quais têm por base, dentre outros aspectos, os valores que o ídolo preconiza.

Os fã-clubes entrevistados reagem diante do ídolo conforme a descrição acima. Mesmo que os fãs tenham, cada qual, suas vidas em particular, profissional e pessoal, dedicam parte de seu tempo em alguma atividade que se volta ao culto do seu ídolo, quer seja na atualização diária do *blog* que traz as últimas informações sobre a cantora X, no programa semanal de rádio que versa sobre a banda Y ou no *clipping* de notícias para o *site* organizado por um dos líderes do fã-clube do cantor Z. Observamos que essas ações voltadas para a divulgação do ídolo são motivadas pela liberdade de

expressão que uma situação desse tipo oferece, ao contrário do que ocorre em um grupo onde a falta da liberdade predomina, limitando a personalidade do indivíduo.

Freud (1921/1996) assevera que os indivíduos que tendem a regredir intelectualmente, a reduzir o controle emocional e a exaltar a emoção descarregando-a sob a forma de ação, costumam fazer parte de grupos comuns e que, nos grupos organizados, como a Igreja e o Exército, esta regressão pode ser em grande parte controlada, justamente por limitar atos expansivos. O autor reforça, ainda, que essa influência disseminada no grupo é motivada não somente pelo líder, mas pelos outros membros participantes. Segundo Freud, a

influência da sugestão torna-se um grande enigma para nós quando admitimos que ela não é exercida apenas pelo líder, mas por cada indivíduo sobre outro indivíduo, e temos de censurar-nos por haveremos injustamente enfatizado a relação com o líder e mantido demais em segundo plano o outro fator da sugestão mútua (FREUD, 1921/1996, p. 127).

Observamos que os fãs dos grupos entrevistados estão suscetíveis a influências mútuas por dividirem, primordialmente, o interesse por assuntos comuns, os quais se centralizam, em boa parte, na figura do ídolo. Esta influência mútua acaba por ser mantida uma vez que se admite que os fãs entre si possam gostar de coisas iguais, repetir gestos do ídolo, imitar a maneira de este se vestir, etc., mas, jamais, se aceita que nessa igualdade se inclua o ídolo, pois, como bem falou Freud (1921/1996, p. 131), “muitos iguais, que podem identificar-se uns com os outros, e uma pessoa isolada, superior a todos eles: essa é a situação que vemos realizada nos grupos capazes de subsistir”.

Para a presidente do fã-clubê Tamborim, é importante que os participantes do grupo tenham a blusa do fã-clubê para ir aos shows “sempre uniformizados”. Embora isto indique a perda de um traço da singularidade do fã, o fato de se parecer com outro membro do grupo significaria que outra pessoa, além dele, reconhece a existência deste

ser superior (o ídolo). Os fãs do grupo Brilho Intenso também costumam ir aos shows uniformizados e, às vezes, reproduzindo a vestimenta típica do cantor idolatrado. Um desses fãs relata: “A gente procura imitar o ídolo, sendo que hoje, mais maduros, há uma restrição. Nas décadas de 70, 80 era normalíssimo imitar na maneira de falar, vestir. Até hoje eu ainda falo uma gíria adotada pelo ídolo”.

No caso do fã-clubes Pura Sintonia, não foi verificada a existência de situações semelhantes aos exemplos citados. De todo modo, vemos que as expressões de emoção, como choros, arrepios, etc. podem permear grupos considerados organizados, como os fã-clubes de nossa amostra, sem que isto configure falta de controle emocional – conforme Freud atribuía aos grupos tidos como comuns. A caracterização dos grupos aqui estudados como sendo organizados será explicada mais adiante.

O fã está passível de se ver “dominado” pelo ídolo quanto à expectativa de ser reconhecido e amado por ele – o que, para Freud (1921/1996), é a condição primordial para o grupo não se dissolver. As fãs da cantora X transmitem este sentimento da seguinte forma: “O fato de existir um fã-clubes reconhecido aqui é também um fator que conta muito na hora dos shows da cantora X vir para cá, porque a produção sabe e reconhece onde a cantora X tem público fiel” (*sic*).

O reconhecimento esperado pelo fã-clubes Pura Sintonia, como vimos, dá-se de modo indireto, por meio da opinião de outros fãs, o que não diminui em nada o desejo de quererem ser reconhecidos. Os fãs pertencentes a este grupo se envaidecem quando dizem que pessoas de outros países ficaram surpresas ao saberem que, no Nordeste, existem pessoas falando da banda Y em um programa de rádio e complementam: “Ficaram com o endereço da rádio e disseram que iam ouvir”. Também, gostam dos elogios que recebem de ouvintes locais que escutam seu programa: “A turma liga muito

perguntando sobre o material que a gente toca e a gente sente que são elogios sinceros”. Vale ressaltar, com base nos depoimentos, o desejo de reconhecimento e distinção.

Para os fãs do cantor Z, a expectativa de serem reconhecidos é a mesma, com a diferença de que um deles pôde ser correspondido plenamente quando esteve pessoalmente com o ídolo: “Ele me chamou pelo nome, isso marcou, porque eu não tenho um nome comum”. Outro deles atesta que o fã-clubes é fonte primordial de reconhecimento: “É saber que você não está sozinho, que não está pregando no deserto”.

Nos casos pesquisados, observamos que a durabilidade do fã-clubes se consolida em consequência da busca pelo reconhecimento do grupo pelo ídolo, que se faz pela obediência às regras, as quais mantêm o bom funcionamento do grupo. Em outras palavras, acatar os mandos do líder – mesmo que estes mandos sejam representados pelos líderes dos fã-clubes e não pelo próprio ídolo - significa não desapontá-lo e, assim, ter o seu amor (ilusoriamente) correspondido. A expectativa do fã em ser reconhecido por seu ídolo independe de quem faça valer as regras grupais ou mesmo os “mandos”, afinal, trata-se de um desejo de reconhecimento que tem raízes inconscientes..

A estabilidade do grupo, conforme nos referimos acima, se relaciona com o acato aos mandos do líder, configurados pelas regras. A aplicação destas regras nos grupos artificiais era considerada, por Freud (1921/1996), como rígida, embora o autor não tenha se aprofundado nesta investigação. Essa atuação parece assim acontecer em nome das ameaças de punição, caso sejam violadas as regras. O que observamos, com os exemplos apontados pelos fã-clubes entrevistados, é que o estabelecimento das regras pode acontecer sem que o líder faça uso de uma conduta autoritária, conforme acontece

nos grupos artificiais, mas sim exercendo uma autoridade, para preservar a interação entre os membros do grupo e evitar que os limites sejam ultrapassados.

O fã-clubes Tamborim tem como regras a união e o respeito entre os fãs da cantora idolatrada, a fidelidade nas informações propagadas, a não-provocação de disputas entre membros, até mesmo com outros fã-clubes, e não invadir a privacidade da cantora. Existe uma filosofia de companheirismo e parceria na condução desse grupo, que é apontada como seu diferencial perante outros fã-clubes que cultuam a mesma artista. Porém, quando houve a necessidade de coibir atitudes que pudessem comprometer o grupo, a presidente não hesitou: “Chegamos até a expulsar membros que ousaram invadir camarim sem nossa autorização ou conhecimento. Esse não é o intuito”.

As regras impostas pelo fã-clubes Pura Sintonia a seus membros são: compartilhar novidades, dividir financeiramente entre os participantes do grupo a aquisição de algum material, manter a perspectiva da parceria e ter o compromisso de ouvir as músicas da banda idolatrada. Para mostrar como a obediência a essas regras é importante para o grupo, houve uma cisão quando certos membros não pagaram pelo que foi dividido e, por isso, os integrantes foram expulsos do grupo.

Para um dos organizadores do fã-clubes Brilho Intenso, o pré-requisito para a boa convivência é possuir bom senso. Pessoas que porventura queiram se aproximar deste grupo para tirar proveito, “com interesses pessoais de promoção”, não têm vez. A regra é divulgar novidades sobre a obra do artista, e, caso o interesse do fã seja propagar alguma informação de caráter duvidoso sobre o ídolo, esta pessoa é isolada dos demais.

Analisando os casos relatados acima, percebemos que a violação da regra nesses grupos é sancionada com a saída ou expulsão do membro. Esta atitude por parte das lideranças dos fã-clubes poderia ser considerada rígida ou radical, mas agir dessa

maneira conserva um aspecto importante para o próprio grupo de fãs até então não abordado por nós: o fato de a liderança interna do grupo poder, em contrapartida, organizá-lo e despertar nos integrantes a sensação de que alguém responde por eles ou, nas palavras de Freud (1921/1996, p. 106), de que ali existe um “pai substituto”.

Achamos conveniente diferenciar o líder representado pelo ídolo – por ser a razão principal para a formação do grupo de fãs e que “dita” valores – do líder interno do grupo, que o conduz e elabora as regras para seu funcionamento. A existência ou não da demarcação da função do membro participante poderá interferir na estruturação das regras desses grupos, bem como na qualidade do laço estabelecido entre seus integrantes, considerando o que apontamos anteriormente, com base em Freud (1921/1996), a necessidade de igualdade entre os membros do grupo e a concessão de destaque apenas ao ídolo, no caso dos grupos de fãs. Mas a hierarquia interna costuma ser natural no caso de grupos de fãs organizados. O que apenas estamos ponderando é que esses papéis internos ao grupo podem não ser explicitados, o que poderá afetar a condição de organização de um grupo como esses. Vejamos como a hierarquia se processa nos grupos entrevistados.

Para as admiradoras da cantora X, a hierarquia é estipulada a partir de quem fundou o grupo e, no caso, é quem rege e organiza as ações do fã-clube. Nos grupos de fãs Pura Sintonia e Brilho Intenso, esta demarcação não é tão aparente, embora tenham como responsáveis, respectivamente, o locutor principal do programa de rádio (igualmente o idealizador do grupo) e os líderes regionais – um é o proprietário da sede do fã-clube e o outro, o locutor dos programas de rádio e desenvolvedor da página da Internet sobre o ídolo. Desse modo, algumas declarações nas entrevistas nos confirmaram que, de fato, ocupam um papel de destaque diante dos demais membros. No fã-clube Tamborim, a presidente mantém um contato direto com a produção do

ídolo, o que confere a ela reconhecimento por parte da cantora X. A produção envia cortesias para o show que realizará na cidade, além de cds e dvds, distribuídos por ela, presidente, aos outros membros do grupo. Já no fã-clubes Pura Sintonia, o locutor principal tem acesso ao *site* mundial que divulga as últimas notícias da banda Y que cultuam e, assim, pode transmiti-las aos demais participantes. Por sua vez, no fã-clubes Brilho Intenso, o proprietário da sede do grupo é sempre procurado pela mídia quando surgem notícias relacionadas ao cantor Z. Isso permite que este líder promova o fã-clubes como um todo.

Vimos, portanto, que o líder interno é o porta-voz das vontades e desejos de seus grupos e que, tendo sua ocupação demarcada de maneira explícita ou não, possui papel preponderante em sua organização. Quando estamos considerando se essa hierarquia é explícita ou não, estamos considerando, sobretudo, a maneira pela qual os participantes reconhecem o papel de cada um na dinâmica grupal e, por mais que não intitulem ou nomeiem esses “cargos”, percebemos que não é isso que ocultará a existência de uma autoridade. Ainda, observamos que, nos fã-clubes estudados, não existem indícios de insatisfação dos membros por conta da diferenciação dos papéis.

Se, por um lado, a discriminação de papéis no interior do grupo pode ocasionar desentendimentos, ciúmes, inveja, por outro, verificamos que, quando o líder apazigua os ânimos dos participantes do grupo, as desavenças tendem a não acontecer. A forma utilizada pelos líderes dos grupos entrevistados para reorganizar a estrutura interna e restabelecer o respeito às regras, com unanimidade, foi a expulsão daqueles que burlaram alguma norma.

Já dizia Freud (1921/1996) que o mesmo laço que une o indivíduo ao “cabeça” também é a causa do laço que o une aos demais. Em outras palavras, o mesmo laço libidinal voltado ao líder concerne aos companheiros. Companheiros de um mesmo

grupo evitam desgaste em nome da existência de um líder amado. Porém, quando ocorre o relaxamento do laço libidinal – elo que sustenta a harmonia entre os integrantes –, isso pode acarretar em “medo pânico” e abalar a condição de estabilidade do grupo. Como ilustra Freud (1921/1996, p. 109), é “impossível duvidar de que o pânico signifique a desintegração de um grupo; ele envolve a cessação de todos os sentimentos de consideração que os membros do grupo, sob outros aspectos, mostram uns para com os outros”.

Em se tratando de desentendimentos provocados pelos próprios membros, isto não quer dizer, necessariamente, que o fã-clubes esteja fadado à extinção. Vimos que os fã-clubes Tamborim, Pura Sintonia e Brilho Intenso experimentaram situações semelhantes, no que diz respeito à intenção de certos membros a praticarem ações discordantes da filosofia do grupo. Em todos os casos, o conflito gerado desembocou na exclusão daquele que trouxe danos ao grupo, sem que isso abalasse a manutenção deste. O líder, nesses casos, não conseguiu evitar um mal-estar dentro do grupo, mas foi por causa de sua presença que o grupo pôde se manter, uma vez que conciliou e limitou a atuação de um fã mal-intencionado. Os sentimentos ambivalentes, portanto, se não forem administrados pelo líder, afetam sua convivência estável, e uma vez faltando a consideração entre os participantes de um mesmo grupo, onde cada um só pensa em si próprio, o amor que antes reinava estará condenado a virar ódio.

Freud (1921/1996) aponta como respostas aos indícios de dissolução de um grupo o sentimento de medo ou o desenvolvimento de impulsos cruéis e hostis para com outras pessoas. Embora os fã-clubes analisados tenham sido eventualmente afetados por ameaças de dissolução, observamos que, diferentemente do que foi apontado por Freud (*Op. cit.*) como “respostas”, nenhum dos grupos agiu com impulsos cruéis ou hostis,

mas adotando uma postura de distanciamento, mais pacífica, conforme depoimentos a seguir.

A presidente do fã-clubes Tamborim relata que já houve uma grande ameaça de dissolução do grupo, provocando inclusive uma divisão interna, mas, ao invés de abalar sua estrutura, o fato propiciou o fortalecimento da união entre os membros: “Tivemos algumas chateações há um tempo atrás com um pessoal de fora que se aproximou da gente apenas para conseguir o contato e reconhecimento da produção da X. Esse pessoal, infelizmente, tinha objetivos bem diferentes dos nossos e acabou rachando o fã-clubes ao meio. Mas como só o que é bom fica, o Tamborim resistiu à tempestade e ficamos sabendo depois que esse mesmo pessoal já se dividiu mil vezes...”. Já o líder do fã-clubes Pura Sintonia minimizou a consequência das ameaças, conforme depoimento a seguir: “Já houve pessoas que usaram de artifícios, coisa de pessoa que não é amiga, que quer se aproveitar. A gente aqui paga pelo que tem e houve umas pessoas que não queriam fazer assim; então eram *personas non gratas*” (*sic*). Por sua vez, o fã-clubes Brilho Intenso demonstrou agir com indiferença e distanciamento diante das possíveis ameaças à estabilidade do grupo: “Há pessoas que se aproximam do fã clubes com interesses pessoais de promoção, seja na mídia, seja próxima ao ídolo. Não somos essa ponte. Não pretendemos ser. Gostamos da obra do artista e espontaneamente a divulgamos e nos aproximamos daqueles que compartilham conosco. Quando os interesses são outros, simplesmente isolamos”.

Retomando a explanação de Freud (1921/1996) sobre esse tema, o grupo religioso analisado por ele é intolerante e exclui de seu laço aqueles que não veneram a mesma causa, reagindo com crueldade e hostilidade àqueles que não coadunam com suas ideias, embora, mesmo na época de Freud, ele já tivesse sinalizado que esta inclemência já não era mais tão violenta devido ao enfraquecimento dos sentimentos

religiosos e dos laços libidinais existentes. Relativo à intolerância, vimos que aqui se aplica o ‘narcisismo das pequenas diferenças’, fenômeno que ocorre entre “pequenas diferenças reais que impedem que o outro seja um perfeito semelhante” (FUKS, 2003, p. 48). No caso, as diferenças que geraram atritos na organização dos fã-clubes foram eliminadas, segundo seus membros, em prol da unidade e coesão dos grupos em questão.

Nos fã-clubes em questão, assinalamos que a hostilidade e a crueldade não são a resposta principal aos destoantes de suas regras, embora o medo da desintegração do grupo exista e seja evidente. A atitude do fã-clubes Tamborim para com fãs que certa vez invadiram o camarim da cantora – iniciativa que contraria as regras impostas pelo grupo, e, portanto, configura-se em uma ameaça à existência dele – corrobora a nossa conclusão. Esta ação foi reprimida pela presidente do grupo mediante expulsão dos membros corruptores, preservando a integridade da organização. Aqui, observamos que houve intolerância por parte da liderança, mas não necessariamente um comportamento hostil, dotado de crueldade. Já no grupo de fãs Pura Sintonia, a indiferença – e, novamente, a inexistência de atos cruéis ou hostis – sobressai, uma vez que os membros que não se interessem em compartilhar materiais com o restante são tidos como “*personas non gratas*” e, portanto, sequer são acolhidas por seus integrantes. Por último, o grupo Brilho Intenso também ignora a hostilidade como resposta, embora aja com intolerância diante das ameaças à estabilidade do grupo, já tendo isolado alguns membros ao longo dos anos por haverem manifestado “interesses pessoais de promoção”, o que contraria as regras da convivência grupal.

Outro aspecto relevante a ser observado é se os integrantes dos grupos de fãs aqui analisados mantêm laços emocionais mais evidentes com o ídolo ou com os próprios membros do grupo. O ídolo é a razão principal para as pessoas se unirem em

grupos, mas Freud (1921/1996, p. 111) considerou que “uma simples reunião de pessoas não constitui um grupo enquanto esses laços não se tiverem estabelecidos nele”, ou seja, não basta existir um ídolo a ser cultuado se os participantes do agrupamento não possuem sintonia entre si. A natureza desse laço, do indivíduo em um grupo, só será mais bem esclarecida com as contribuições do conceito de identificação, tratado na seção a seguir.

3.2 Mecanismos identificadores existentes no grupo de fãs

A identificação na formação de um grupo tende a criar semelhanças e a esmaecer diferenças entre seus participantes. Especificamente nos grupos representados por fã-clubes, tal fenômeno é facilitado pela identificação de partida, que é comum a todos: o culto ao mesmo ídolo. Porém, para que os fãs participem do mesmo fã-clubes, é necessário existirem identificações básicas para uma união estável, as quais não se resumem à figura do ídolo. Ora, sabemos que diversos fã-clubes podem cultuar o mesmo ídolo, mas serão as particularidades de cada grupo (filosofia, regras, faixa etária, atividades etc.) que mobilizarão as identificações de um fã para seu ingresso em um e não em outro agrupamento.

Dentre as formas possíveis de identificação definidas por Freud (1921/1996), já descritas no primeiro capítulo, merece destaque a terceira forma de identificação, a qual se aproxima da razão de um grupo se ligar ao líder. Essa situação “pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto sexual” (p. 117). Esta qualidade emocional comum, em um primeiro momento, para os fãs, seria o ídolo e, como aponta Freud, esta qualidade comum reside na natureza do laço com o líder. Ainda, complementando com

apontamentos de Florence (1994, p. 135-6), “esse tipo de identificação pode ter lugar sem que haja previamente um investimento de objeto que ligue o sujeito à pessoa copiada. (...) Essa identificação é freqüente nos grupos e é o ponto de partida dos laços de amizade, de camaradagem e de competição de todas as espécies”. Acrescenta que, ao passo que se percebe um ponto em comum com outra pessoa que não seja um objeto sexual e que seja significativo, “mais essa identificação parcial pode criar novos laços sociais” (p. 136). Verificaremos, mais adiante, quais os possíveis aspectos identificadores que podem permear as relações entre os fãs participantes do fã-clubes.

As definições acima correspondem ao fato de que o ídolo é o ponto de identificação inicial para a formação do fã-clubes, conforme detectamos nas entrevistas realizadas. As pessoas participantes do grupo de fãs muitas vezes sequer se conhecem, mas basta haver uma unidade de preferência para causar-lhes a sensação de que são antigos companheiros. Para uma fã da cantora X, o fã-clubes só veio a ser criado porque queria ter uma lista de discussão própria a respeito da artista adorada, objetivando discutir tudo que fosse relacionado à vida pessoal e profissional da artista. A partir daí, os encontros tornaram-se frequentes, contribuindo para a diversão e amizade que tanto prezam. A banda Y foi também o ponto de partida para a agregação dos membros do fã-clubes Pura Sintonia, mais especificamente as músicas dos cantores e o cunho intelectual que atribuem às canções. Mas percebemos que a relação interna dos membros não se resume ao culto aos cantores, quando identificam o convívio entre eles, fãs, como a constituição de “uma outra família”. O grupo de fãs do cantor Z possui uma adoração ao ídolo anterior mesmo ao tempo de cada um pertencer ao grupo. Sem dúvida o que cooperou para que se unissem foi o amor pelo cantor, porém as atividades de compilar tudo o que existia a respeito do ídolo, poder discutir os assuntos relacionados à vida e obra do artista, são sustentáculos importantes para a manutenção deste grupo. Um dos

idealizadores do fã-clube Brilho Intenso, reconhecido por suas ações no fã-clube, tornou-se, segundo ele, “um pólo de aglutinação de pessoas”.

Observou-se que, além da influência do ídolo como fator primário de coesão, o que colabora para a solidificação dos laços entre os membros são as ações conjuntas que realizam em benefício do grupo e, indiretamente, de todos que a ele pertencem. Vale considerar que o inconsciente de um indivíduo e o inconsciente do grupo são similares na tese de Freud (1921/1996), como se estivessem identificados.

A identificação, desde os primórdios, era tida por Freud (1913/1996) como o princípio do agrupamento comunitário, mediante a noção de identificação com o chefe. Segundo Freud (1913/1996), a identificação com o totem garante a individuação e socialização, sendo predecessores da moral e da ética. Diz Florence (1994):

A identificação não é somente o caminho da formação de um elo sonhado ou fantasiado com o objeto do desejo, mas também a condição para a instauração de um elo social, e isso duplamente: no plano “cômico” da relação imaginária com o mesmo, e no plano “espiritual” da troca simbólica, que não é de estrutura dual, mas ternária, por conta da mediação significante (p. 125).

Relativo ao elo social, ponderado pelo autor citado, pensamos que a formação do grupo de fãs não se limita somente ao culto e pregação de seu ídolo, mas o utiliza também como meio de expressão de seus interesses e reconhecimento pessoal. As falas de nossos entrevistados contemplam algo direcionado neste sentido. Para a fã da cantora X, “é um meio de fazer novas amizades, de encontrar pessoas com assuntos em comum”; para o fã do grupo Y, dizer que estar no fã-clube é “o alimento da alma (...) é como uma terapia coletiva”; e, para o do cantor Z, “é saber que você não está sozinho, que não está pregando no deserto”.

Até aqui, delimitamos a identificação do fã-clube como sendo baseada apenas em uma qualidade emocional comum: o ídolo. Porém existem outras contribuições da

ocorrência da identificação, que caberia analisar e verificar se admite alguma semelhança com os fenômenos aqui estudados.

Vejam, primeiramente, alguns depoimentos dados pelos fãs pertencentes aos fã-clubes entrevistados, dignos de observação. Uma fã integrante do grupo Pura Sintonia nos disse a respeito da representação dos cantores da banda Y em sua vida: “Se tirassem esses artistas da minha vida, os cds, o que eu tenho, a vida com certeza seria bem mais pobre”. Já outro fã pertencente ao fã-clubes Brilho Intenso também fala sobre seu ídolo: “O cantor Z é espelho pra nós, tudo o que ele usou, nós usamos, tudo que ele parou de usar, nós paramos”. Nota-se que a maneira de falar da primeira fã se delimita à primeira pessoa, enquanto o segundo fã amplia seu sentimento para os demais membros. Quanto aos fãs pertencentes ao grupo Tamborim, não foi identificada nenhuma fala acerca da cantora venerada que apontasse para o mimetismo, conforme as falas anteriores.

Para Kristeva (1994, p. 48), “inicialmente, quaisquer que sejam as variantes da identificação, o termo genérico identificação supõe a tendência própria ao ser falante de assimilar simbólica e realmente uma outra entidade separada dele”. Posteriormente, acrescenta: “Entendemos então por identificação o movimento pelo qual o sujeito advém à medida que constitui uma unidade com um outro, idêntico a ele” (*Op. cit.*, p. 49). Mas, considerando que a forma original do laço afetivo entre sujeito e objeto, proposta por Freud (1921/1996), seja representada por uma fusão, precedendo a identificação propriamente dita, este laço que estamos verificando, a partir das falas apontadas, remonta ao funcionamento do Eu Ideal, se avaliarmos que o fã transfere ao ídolo uma atitude de admiração incondicional que silencia qualquer crítica.

A compreensão das instâncias ideais, Eu Ideal e Ideal de Eu – uma referente à ordem do imaginário fantasmático e a outra à ordem simbólica da cultura –, nos

direcionará quanto ao segmento operado por cada grupo de fãs e ao entendimento de que estariam empregando a identificação propriamente dita ou não. A instância Eu Ideal, caracterizada por uma atitude de incondicional admiração, convertida em algo ou alguém, é investida de onipotência. Contestando a idealidade do Eu Ideal, o Ideal de Eu se situa no registro do simbólico, supondo uma abertura para alteridade, que é o que permitirá o empreendimento das identificações que irão constituir o sujeito.

Verificamos que, na atuação do fã, há uma operação na qual as qualidades e o valor do objeto são levados à perfeição. Resta saber se a exaltação endereçada ao ídolo supõe o seu reconhecimento ou não, ou seja, se haveria ou não, na relação do fã com seu objeto cultuado, um registro simbólico possibilitando a incidência do Ideal de Eu.

De todo modo, Freud (1921/1996) muitas vezes, em suas explanações acerca das instâncias ideais, não estabeleceu diferenciações entre os dois termos, cabendo a Lacan (1986) precisar as particularidades de cada instância. O que nos interessa é que há uma evocação a todo o momento para uma articulação com o registro do simbólico nas entrevistas com os membros dos fã-clubes, quando esses grupos consideram que sua adoração pelo ídolo significaria apenas um divertimento e que ser fã em nada comprometeria o bom andamento de suas vidas.

Embora concordemos que os fã-clubes elejam seus ídolos e mantenham a expectativa de serem reconhecidos pelas suas atitudes em prol do artista, os próprios fãs interrogados refutam o fato de que sejam fanáticos, ou seja, de que praticariam atos impensados. Para a presidente do fã-clubes Tamborim, “existiu até certo tempo e acredito que ainda exista certo ‘preconceito’ quando falamos em fã-clubes, de um modo geral. As pessoas ligam a imagem do fã a um fanático desocupado, que não tem vida própria e que vive num mundo de fantasia onde só respira o universo do seu ídolo. Sabe todos os passos dele, tem todas as fotos, recortes de jornais, etc. Mas, ao contrário disso,

fãs são pessoas comuns, que trabalham, que se relacionam, que tem família, que tem uma vida, mas que estão unidos por um gosto comum”. Um dos líderes do Brilho Intenso também se pronuncia: “Há uma parte da mídia que ainda tem uma visão obtusa de que fã é um tipo esquisito e maluco, quiçá perigoso, quando existem fãs que têm um posicionamento absolutamente sereno e com um firme propósito de preservar uma parte da história de nossa cultura”. E, igualmente no fã-clubes Pura Sintonia, observa-se, um posicionamento acerca disso: “Aqui somos fanáticos pela música, não pela pessoa. Porque tem gente que acha que eles são deuses, como os fãs do Elvis”.

Este posicionamento dos fãs, o de se dizerem contrários a qualquer ato de fanatismo ou mesmo o de não terem alterado o funcionamento de suas vidas por admirar seu ídolo, de imediato nos levaria a crer que existiria, sim, uma diferenciação entre sujeito e objeto, ou seja, de que há a identificação. Porém, por outras observações, somos confundidos quanto ao fato de a relação estabelecida com seu ídolo resvalar em certo mimetismo, imitação e mistura, que são predecessores do registro imaginário. A perda de sentido da vida sem a existência dos artistas, o ídolo como modelo de personalidade a seguir, vista como um “espelho”, são indicadores, a nosso ver, de que o amor pelo ídolo se passa no nível do imaginário, provocando uma perturbação da função do Ideal do Eu.

Nasio (1999), ao definir o conceito psicanalítico de identificação, considera que identificar-se com o outro poderia abranger duas situações distintas: ter consciência em ser como o outro e ter um desejo inconsciente de ser o outro. Ele analisa a própria situação de fãs que tentam se assemelhar ao seu ídolo e o que isto pode representar: “Note-se que essa identificação com um ídolo pode ocasionar a criação de um clube de fãs, e até mesmo o nascimento de uma verdadeira comunidade, de uma verdadeira família, organizada em torno de uma identificação coletiva com uma única figura ideal”

(NASIO, 1999, p. 81). Para o autor, o jovem que quer se parecer com seu cantor preferido tem uma vontade consciente de ser como ele. O outro caso, de um impulso irrefletido de identificação, tanto acontece com traços visíveis, de determinada particularidade externa, ou mesmo de emoções, afetos, sentimentos que possam ser ocultos na vida interior daquele que se admira. Em virtude de nossos assinalamentos feitos da relação entre fã e ídolo, questionamos se o fã, de fato, é consciente de sua identificação. O que já é claro é que, anterior à identificação estabelecida com a relação objetual propriamente dita, se constitui a formação narcísica do Eu Ideal. Florence (1994) contribui trazendo a diferenciação entre identificação e imitação. O autor diz que a confusão entre os termos “imitação”, “empatia”, “projeção”, etc., com o conceito de identificação, tende a aproximá-los “como se tudo fosse a mesma coisa” (p. 118). E complementa: “O sujeito não surge da categoria do mesmo, da imitação, do eu: eis o que a realidade do inconsciente obriga a pensar, com todo o rigor” (*Idem, ibidem*). Logo, não acreditamos que as razões para um fã se apaixonar por um ídolo sejam de ordem consciente, embora compreendamos que a imitação – via das aquisições do jogo mimético – não alcance o nível da identificação – via da mediação significante.

Mais uma explicação para não reduzirmos a ocorrência da identificação à consciência surge quando retomamos o conceito de identificação histórica. Os efeitos desta identificação, nas palavras de Florence (1994, p. 119), se dão deste modo: “O eu se estilhaça, fica maleável e sujeito à corvéia, paixão do outro, do múltiplo, da libido inconsciente...”. A particularidade desse tipo de identificação é estar a serviço de moções de desejo contraditórias, ambivalentes e bissexuais, representadas por uma idealização, característica de um amor infantil.

Quinet (2005) considera que a posição de vítima, típica da conduta histórica, é uma forma de se servir de objeto do Outro. O autor acrescenta que este funcionamento

pode se manifestar coletivamente pelo “contágio”, já trabalhado por Freud (1921/1996). Assim, a identificação histórica é uma identificação pelo desejo que a posição de objeto ocupa, tendo como efeito dessa dinâmica a fantasia preenchendo a realidade psíquica. Segundo Quinet (2005, p. 117), o “histórico faz o outro desejar, pois deseja o desejo do Outro, deseja ser um objeto para o outro no laço social”.

Vejamos o seguinte depoimento de um membro do fã-clube Brilho Intenso sobre não desejar se aproximar de seu ídolo: “Eu não quero encontrar o cantor Z. Não quero perder o encanto por ele. Não vou procurá-lo porque ele é meu ídolo, não o quero como meu amigo, porque perde o encanto. Ídolo significa uma realização da minha vida”. O medo de não ser reconhecido e olhado pelo cantor idolatrado (confirmado quando o fã nos diz temer que o ídolo seja indiferente a ele, tomando por base o depoimento de outro fã que teria vivenciado esta desagradável experiência) demonstra a intenção do fã em resguardar a ilusão do que esse artista representa em sua vida. Essa é uma ilusão necessária para este fã, o qual retrata que ter o ídolo desse modo é a realização de sua vida. Nesse contexto, entende-se o que Ferreira (2004) quer dizer ao afirmar que o homem não abre mão da ilusão de que o amor é a via para encontrar a felicidade.

Segundo Ferreira (2008), há uma distinção entre o amor como um dom ativo e o amor como sentimento da paixão. Conforme descreve a autora, o “ amor como dom ativo se dirige ao ser do outro, como particularidade, e se inscreve no regime da diferença, onde dois não fazem Um mais Dois”. Já sobre o amor como sentimento da paixão, acrescenta:

Um olhar, uma voz, um gesto adquirem um brilho resplandecente que fascina, cega, ensurdece, enlouquece e imobiliza o amante, fazendo com que ele ingresse no regime das ilusões humanas. O amante, a partir daí, aprisionado em uma relação especular (reciprocidade imaginária entre o eu e o objeto) com o outro, acredita que esse outro tem exatamente o que lhe falta (FERREIRA, 2008, p. 7).

O amor como paixão é uma tentativa de captura do outro, distinto do amor como dom ativo, por meio do qual o outro é reconhecido como diferente. Mais uma vez, nas palavras de Ferreira (2008), está sendo feita a distinção entre o reconhecimento ou não do outro na relação.

Até então, fizemos referência à identificação do fã com seu ídolo. Investigaremos, a partir de agora, como se dá a relação entre os membros dos fã-clubes e que tipo de identificação ocorre entre ele, se for possível sintetizá-la em apenas uma forma. Freud (1921/1996) destaca que a identificação entre os indivíduos do grupo só se torna possível porque todos eles mantêm a mesma relação com o objeto. Nesse contexto, consideremos a seguinte passagem de Freud (1921/1996):

Basta-nos pensar no grupo de mulheres e moças, todas elas apaixonadas entusiasticamente sentimental, que se aglomeram em torno de um cantor ou pianista após a sua apresentação. Certamente seria fácil para cada uma delas ter ciúmes uma das outras; porém, diante de seu número e da conseqüente impossibilidade de alcançarem o objetivo de seu amor, renunciam a ele e, em vez de uma puxar o cabelo da outra, atuam como um grupo unido, prestam homenagem ao herói da ocasião com suas ações comuns e provavelmente ficariam contentes em ficar com um pedaço das esvoaçantes madeixas dele. Originariamente rivais, conseguiram identificar-se umas com as outras por meio de um amor semelhante pelo mesmo objeto (p. 130).

Os fãs identificam-se entre si em virtude da situação de incompletude comum a todos eles, procurando no ídolo, portanto, o lugar do preenchimento desta falta. O único distintivo capaz de oferecer esta ilusão é o ídolo, que está envolto de todas as características que os fãs desejariam possuir. Os adjetivos elencados pelos fãs entrevistados e que atestam tal admiração, são: a cantora X é “exemplo de inteligência e sagacidade”, a banda Y representa para seus fãs “criatividade, questão de gênio” e o cantor “Z” representa para seus fãs uma pessoa que transmite “bons valores, é aberto e brincalhão”. De certa forma, todos os participantes são objetos de completude imaginária um com o outro, os quais substituíram seu Ideal de Eu pelo mesmo objeto: o

amor pelo mesmo ídolo. Em consequência disso, estabelece-se uma identificação recíproca e geral no nível do Eu. Observa-se, com isso, que a vinculação entre os fãs é, antes de tudo, possibilitada pelo amor por um ideal comum.

Assim, apreendemos que as identificações entre o grupo fã-clube e os grupos estudados por Freud admitem algumas fases comuns em sua gestação: após se eleger um líder (ídolo, para o fã-clube), o qual justifica a identificação de partida do grupo, este se tornará o ideal de seus seguidores (fãs) e responsável por todos e por todas as decisões do grupo. Cria-se um sentimento de ilusão grupal, a partir do qual os membros acreditam que o líder (ídolo) ama a todos sem distinção. Por conseguinte, o indivíduo tende a ser mais impulsivo, atuando mais pela ação e emoção, com uma diminuição da racionalidade e do senso crítico, em nome da identificação. O que pode variar, como vimos, é a intensidade das emoções, cabendo analisar se a dimensão imaginária é capaz de ofuscar a existência deste líder/ídolo como um ser diferenciado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos observados a respeito da formação das massas de fãs-clubes, através das entrevistas realizadas, e tomando por base os objetivos a que nos propusemos, consideramos, primordialmente, que o fator de ligação entre os membros participantes deste tipo de grupo acontece a partir da idealização do ídolo. Além do sentimento comum pelo ídolo, a identificação do fã com o ídolo e com outros participantes do fã-clubes, pode ser considerada o fator que possibilita a durabilidade de um fã-clubes.

Dentre os principais pontos por nós verificados, mediante a análise dos dados, observamos que, nos grupos de fãs pesquisados, a inserção dos membros dá-se de forma espontânea, sendo fundamental essa escolha do participante para justificar seu interesse nesta coletividade – o que o faz diferir, nesse ponto, dos grupos artificiais analisados por Freud, mais precisamente a Igreja e no Exército, dos quais os participantes não participavam de forma espontânea, havendo nessa pertença uma obrigatoriedade ou uma coerção de alguma ordem.

A despeito dessa diferença, algumas semelhanças também foram identificadas no funcionamento de fãs-clubes com relação aos grupos artificiais estudados por Freud. Dentre elas, podemos apontar: a necessidade da existência de regras visando à regulamentação desse tipo de massa – mesmo que a legislação desses grupos não implique leis totalitárias e sim baseadas em princípios democráticos que visam à determinação da função do fã-clubes, dos direitos e deveres de seus membros, bem como de outros aspectos pertinentes à sua estrutura e funcionamento; a crença ilusória segundo a qual o líder (ídolo) ama seu seguidor (fã), correspondendo-lhe o amor, sendo

essa possibilidade de ser por ele correspondido uma premissa para o bom funcionamento desse tipo de massa.

Assim, o fã-clube pode ser identificado como um tipo massa que apresenta tanto diferenças como semelhanças com os denominados grupos artificiais definidos por Freud. Um fator problemático em considerar o fã-clube como uma massa artificial deve-se ao fato de não ser observada a obrigatoriedade da participação naqueles e a não observância de uma regulamentação totalitária – o que não significa que essas massas não possuam seus regulamentos internos, prescrições sobre as condutas indevidas de seus membros, as quais, uma vez emitidas, podem ser duramente punidas com a exclusão de seu autor da massa de fãs. No que diz respeito aos pontos em que os fã-clubes estão em consonância com os grupos artificiais, podemos observar o fato de neles estarem presentes características, tais como a organização, a durabilidade e a estabilidade.

Desse modo, deparamo-nos com a dificuldade de restringir o tipo de massa característica de um fã-clube a apenas um modelo, seja o artificial ou ao comum, visto que ela se compõe de elementos existentes em ambos os tipos de massas. Por isso, optamos por caracterizá-lo como um grupo que atrela sua organização, durabilidade e estabilidade ao amor e idealização em comum pelo ídolo. É importante considerar que os dados conclusivos são referentes aos grupos de fãs por nós estudados, podendo ser assim caracterizados com base no perfil de grupos a que procurávamos nos aproximar.

Acreditamos que o contato com a liderança e/ou criadores de massas organizadas de fãs contribuiu para uma boa coleta de informações, já que, até conseguirmos obter êxito na escolha dos fã-clubes, tivemos algumas dificuldades na captação de voluntários para nosso estudo, seja devido às fontes de informações pela *Internet*, que eram obsoletas ou restritas aos membros inscritos, seja devido ao fato de

que certos grupos de fãs pareciam se encontrar ativos, mas, em verdade, já haviam sido desfeitos em virtude de o ídolo ou a banda idolatrada não mais existir ou não mais fazer tanto sucesso ou mesmo por ter havido a própria dispersão dos então participantes do fã-clubes, quer por motivos não identificados, quer em decorrência de conflitos em seu interior, levando à sua dissolução ou enfraquecimento.

Constatamos que o lugar ocupado pelo ídolo na composição de um fã-clubes não se restringe ao de servir de principal elo entre os membros da massa de fãs, mas deve ser acrescida a isso a sua idealização com base na ilusão alimentada pelo fã de que ele contém tudo aquilo que alguém pode possuir de melhor, atribuindo-lhe um traço distintivo. Se os fãs de nosso estudo atribuem aos seus ídolos características consideradas nobres, representadas pelas expressões “talento”; “inteligência”; “sagacidade”, “criatividade”, “amor pelo que faz”, entre outras, não estariam estes fãs buscando, através de sua admiração, tais predicados para si? Qual seria a necessidade do fã de ser correspondido, não fosse seu desejo de reconhecimento pelo olhar do ídolo?

Verificamos que a importância de haver o reconhecimento do fã pelo ídolo é algo comum a todos os fã-clubes entrevistados. Pensamos que isto se deve não somente ao desejo de que os atributos endereçados ao ídolo possam, via identificação, tornar-se parte de si, mas também a especificidade desse olhar remonta à idéia do “pai substituto”, que causa aos fãs a sensação de estarem sendo cuidados.

Conservando a afirmação de Freud (1921/1996) de que o amor pelo líder e os acatamentos aos seus pedidos têm como função a preservação e a manutenção do grupo, acreditamos que o lugar de destaque que o ídolo ocupa se engrandece, no momento em que avaliamos a identificação entre os membros de um mesmo grupo, igualmente tratada por Freud. Ora, qualquer atividade realizada em prol do ídolo, promovida pelos fãs em conjunto, possibilita não somente o entrosamento entre eles – tão importante

para a inexistência de conflito no grupo –, mas ratifica, de fato, o lugar diferenciado do ser amado. Acontece, assim, como uma cadeia: a ilusão do amor do ídolo é o que deixa seus fãs certos de que serão correspondidos e, com isso, o engajamento em atividades realizadas em prol de seu amor tende a ser repetido. Essa dinâmica, ao nosso ver, é mobilizada pela identificação que permeia os integrantes dos fã-clubes, os quais partilham do amor dirigido a uma mesma pessoa. Tal aspecto demarca o lugar de exclusividade do ser devotado, como bem disse Freud (1921/1996, p. 131): “muitos iguais, que podem identificar-se uns com os outros, e uma pessoa isolada, superior a todos eles: essa é a situação que vemos realizada nos grupos capazes de subsistir”.

Questionamos, no terceiro capítulo, se esse lugar de exclusividade ocupado pelo ídolo traz consigo uma referência à instância Eu Ideal ou Ideal de Eu. Se nos guiássemos pelas características de incondicional admiração e idealização por parte do fã, estaríamos próximos do funcionamento do Eu Ideal. Todo fã, no entanto, está passível de depositar em seu ídolo aspectos de grandeza, de perfeição e de completude, e, de acordo com Freud, as qualidades e o valor do objeto são levados à perfeição. Por outro lado, refutando que a condição de um fã se limite a atos impulsivos, devaneios, perda de sentido da vida, etc., somos convidados a repensar esta conduta de que é possível ser um fã que respeita as regras de convivência de seu grupo, que possui uma vida particular e que não se descontrola por conta do amor que sente por seu ídolo, conforme depoimentos dos próprios fãs entrevistados. Desse modo, as instâncias ideais, ou seja, o culto a valores representados pelo ídolo, podem ser entendidas como ideais a serem atingidos pelo eu, em consonância com a dimensão do supereu.

Outra questão que achamos conveniente assinalar, como resultado de nossas observações, tem relação com a contribuição do estudo da identificação à cultura. A identificação, que vimos acontecer dos fãs ao ídolo e também entre si, é um meio

inclusive de civilização, que fomenta a instauração de um elo social, já abordado por Florence (1994), como citado por nós no capítulo anterior. Apesar de assistirmos às diversas formações de massas organizadas na atualidade – como as de ordem religiosa, as de torcidas organizadas de futebol, as de movimentos sociais, entre outras –, vemos que alguns pontos, segundo Fuks (2003), vêm ocasionando feridas profundas em nossa civilização atual, quais sejam: a negação das diferenças, a homogeneização perversa e obscena dos sujeitos, negando-lhes a singularidade, bem como a regência do narcisismo nos modos de subjetivação. O resultado disso são notícias relacionadas a atos hostis, criminosos e cruéis, que podem estar relacionados às massas desarticuladas, diferentemente do que ocorre em grupos usualmente organizados.

Todos esses aspectos, entre outros, são responsáveis por ocasionar sérios danos aos laços sociais e acabam por evidenciar um predomínio das relações imaginárias dos sujeitos para com o sentido e o enfraquecimento da potência simbólica que confere à linguagem uma pluralidade de sentidos que a cultura possibilita expressar.

Então, poderíamos pôr em questão o que ocorre para que tantas formações de massas, ainda assim, estejam se multiplicando e se mantendo. Dever-se-ia à desagregação dos antigos valores que fazem as pessoas se reunirem em grupos carismáticos, conforme tese de Lindholm (1993)? Ou ao fato de que, estando em grupo, o homem não abre mão da ilusão de que o amor é a via para o encontro da felicidade, segundo Ferreira (2004)?

Não sabemos se existiria para uma questão tão complexa uma única resposta, pois concordamos com Fuks (2003) que na cultura estão não só compreendidas a lei, os limites e os impedimentos em nome da regulação das relações humanas, mas também o lugar de acolhimento do desejo do sujeito, podendo, simultaneamente, portanto, corresponder a ambos os questionamentos: um referente ao medo de perder referências

tradicionais e, por isso, de manter-se em filiação; o outro, baseado na ilusão de que amar e ser amado é a via para adquirir a felicidade.

Pensamos que, apesar das dificuldades reais que permeiam as relações humanas, o que alegamos em favor dos fã-clubes quanto a sua estabilidade, durabilidade e organização – justificadas pelos depoimentos dos entrevistados – corresponde ao fato de serem uma massa capaz de subsistir ao individualismo preponderante de nossa atualidade, pois neles pudemos observar o culto de vínculos afetivos, os quais foram salientados quanto aos sentimentos experimentados pelos membros dos fã-clubes. Esses se referem aos sentimentos de pertença e de laço com os demais membros como se estivessem em família, como se participassem de uma terapia coletiva, como se o encontro com os colegas pudesse vir a servir de “alimento da alma”. Noutros casos, de fã-clubes desarticulados, há uma maior chance de que o narcisismo reinante interrompa qualquer possibilidade de vínculo e ocasione disputas, o que não se pode observar nas massas, objeto de nossa pesquisa.

Logo, observamos que o grau de verificação da dimensão ilusória ou imaginária que permeia a relação do fã com seu ídolo tem relação com a subjetividade de cada sujeito, podendo-se concluir que, em um mesmo fã-clubes, é possível obter-se respostas variadas a esse respeito. É certa a incidência de ilusão em uma massa como o fã-clubes, pelos motivos já explanados, mas atestamos que esta condição nem sempre denota a perda da censura e racionalidade do fã. Assim, acreditamos na possibilidade de uma abertura para a alteridade, que vem a ser a mola propulsora para a ocupação de um posicionamento mais simbólico do fã, permitindo-lhe colocar-se aí como um sujeito e não como um objeto, para que lhe seja possível, em seu laço com os demais membros da massa de fãs, o reconhecimento das diferenças. Essas atitudes são fundamentais, a nosso ver, para o estabelecimento de suas identificações.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, D.F. **Literatura de auto-ajuda. Um estudo psicanalítico.** UFC, 2006.

CASTEL, Pierre-Henri. **Dicionário de psicanálise: Freud & Lacan.** Tradução Leda Mariza Fischer Bernardino et al. Salvador: Agalma, 1997.

FARIA, Patricia. **Marketing Futebol Clube: Um estudo de múltiplos casos sobre associação de imagem a envolvimento e à identidade em clubes de futebol.** UFMG, 2007.

FERREIRA, Nadiá P. **A teoria do amor na psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FERREIRA, Nadiá P. Mais uma vez ainda, o amor... **Jornal O Povo**, Fortaleza, 8 jun. 2008. Caderno Vida & Arte, p. 7-8.

FLORENCE, Jean. As identificações. In: MANONI, Maud *et al.* **As identificações na clínica e na teoria psicanalítica.** Tradução Ari Roitman. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p. 115-146.

FREUD, Sigmund. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar (1893). In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas**, v. II. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Fragmento da análise de um caso de histeria (1905 [1901]). In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas**, v. VII. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. A dinâmica da transferência (1912). In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas**, v. XII. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Totem e Tabu (1913). In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas**, v. XIII. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Observações sobre o amor transferencial (1915). In: FREUD, S. Obras psicológicas completas, v. XII. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Luto e Melancolia (1917). In: FREUD, S. Obras psicológicas completas, v. XIV. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Psicologia de grupo e a análise do eu (1921). In: FREUD, S. Obras psicológicas completas, v. XVIII. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. O Futuro de uma Ilusão (1927). In: FREUD, S. Obras psicológicas completas, v. XXI. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. O Mal-estar na Civilização (1930). In: FREUD, S. Obras psicológicas completas, v. XXI. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. À Guisa de Introdução ao Narcisismo (1914). In: FREUD, S. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004.

_____. O Eu e o Id (1923). In: FREUD, S. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2007.

FUKS, B. **Freud e a Cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

JORGE, Marco A. Coutinho & FERREIRA, Nadiá P. **Lacan, o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

JUNGBLUT, Airton Luiz. **A salvação pelo Rock: sobre a "cena underground" dos jovens evangélicos no Brasil**. Relig. soc. , Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, 2007 .

LACAN, Jacques. **O Seminário: os escritos técnicos de Freud – Livro 1**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da Psicanálise**. Tradução Pedro Tamen. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LINDHOLM, C. **Carisma: êxtase e perda da identidade na veneração ao líder.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993.

KRISTEVA, Júlia. O real da identificação. In: MANONI, Maud *et al.* **As identificações na clínica e na teoria psicanalítica.** Tradução Ari Roitman. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p. 47-58.

MENEGAZ, Camila. **Dez anos de malhação: e como fica a adolescência?** UFRS, 2006.

NASIO, Juan-David. **O prazer de ler Freud.** Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

NASIO, Juan-David. **A dor de amar.** Tradução André Telles e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

PINTO, Elizabeth. **The qualitative research in Clinical Psychology.** Psicol. USP. São Paulo, v. 15, n. 1-2, 2004.

POMMIER, Gerard. **Freud Apolítico?** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

QUINET, Antonio. **A lição de Charcot.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ROCCA, E. **A psicanálise na sociedade pós-moderna.** Revista de Psicanálise, SPPA. Vol. II, N.1. Porto Alegre, Abril, 2000.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Marcela Mello Ranier, RG: 98002236290, psicóloga, inscrita no Conselho Regional de Psicologia sob o número 11/04269, estou desenvolvendo uma pesquisa de mestrado sobre o grupo de fãs.

Gostaria de obter sua autorização para realizar uma entrevista gravada, que tem como objetivo estudar a relação entre os membros participantes de um fã-clube.

Seu nome e todos os seus dados pessoais serão mantidos em segredo e o resultado da pesquisa será mostrado apenas em reuniões e revistas científicas.

Além disso, quero deixar claro que:

- Sua participação poderá ser muito útil ao desenvolvimento de outros estudos científicos, trazendo importantes benefícios para um melhor atendimento aos pacientes.
- O senhor tem direito de desistir de sua participação a qualquer momento, sem necessidade de explicações e sem nenhum prejuízo;
- Esta pesquisa não oferece nenhum risco para os participantes;
- O senhor poderá ter acesso, a qualquer momento, aos dados da pesquisa;
- Sempre que tiver dúvidas sobre a pesquisa, o senhor poderá contar com minha disponibilidade, através do telefone: 9909-5585.

Contando com sua valiosa colaboração, desde já agradeço.

Respeitosamente,

Marcela Mello Ranier
Psicóloga – CRP 11/04269

Eu, _____, RG: _____, declaro que fui devidamente esclarecido sobre a pesquisa acima, entendi seus objetivos e a necessidade de entrevista gravada, e concordo em dela participar.

Fortaleza, ____ de _____ de _____

Participante da pesquisa

Pesquisadora

ENTREVISTA FÃ-CLUBE 'TAMBORIM'

ENTREVISTA FÃ-CLUBE 'PURA SINTONIA'

M- Como surgiu o fã-clube, na realidade a reunião de vocês aqui no programa?

P – Na realidade, não é um fã-clube, é uma reunião mesmo. O NA* foi fazer o programa tocando as músicas do grupo Y e a gente ao ouvir foi se aproximando e a gente foi ficando aqui e a gente tinha material que eles não tinham e a gente trazia material pra tocar no programa e começou aquela simbiose entre a gente e a gente foi ficando. E aí a gente tá aqui toda semana no programa. É uma turma que gosta do grupo Y e que gosta de passar pros outros o que tem, porque tem gente que gosta de ter e não mostra, né, e acha que se mostrar desvaloriza. A gente copia, a gente passa pra frente, a gente tem prazer que do grupo Y seja mais conhecido. Eu não conhecia nenhum dos integrantes e foi ouvindo o programa que vim parar aqui.

NA – Independente da classe social, do espaço geográfico, da profissão que você tem, a música do grupo Y é o elo, tá entendendo, se não tivesse a música do grupo Y talvez a gente não se conhecesse. O nome do programa 'Pura Sintonia' tem esse nome desde 1990, que foi quando um dos cantores teve a primeira vez no Brasil. A gente se conheceu por telefone, porque até então quem fazia o programa de rádio era eu e a A*. Foi então no vô indo pro show no Maracanã que a gente se conheceu – o restante - e foi criando essa teia. O P* entrou por conta de um disco que a gente não tinha e ele veio pra cá a chamado nosso. A idéia do programa era quando eu era estudante da faculdade e vim trabalhar aqui e existia uma série chamada 'Música de todos do mundo' e cada dia era dedicado a uma língua, francês, inglês, alemão, porque tinha as casas de cultura da universidade, uma espécie de intercâmbio, um programa de meia hora e na terça-feira era música inglesa. Aí a diretora artística tinha sido minha professora no curso de Letras, mas eu já estava no curso de Comunicação, aí eu disse pra ela fazermos só músicas do grupo Y e ela disse: Valeu, NA*! Aí eu fazia o programa e era só a seleção musical, de meia hora, depois eles fizeram uma modificação na grade da programação e o programa passou para 1 hora. E eu percebi que o programa tinha mais audiência no fim-de-semana, porque muitos estudantes ouviam e na terça-feira estavam na faculdade ou fazendo algum trabalho. Isso foi no começo da rádio em 1981. Daí quando passou a ser 1 hora eu sugeri a transferência para o sábado. Nessa época eu já estava fazendo algumas locuções e eu me lembrei da A*, essa parceria era apenas nós dois e ela inventou a Lucy, uma personagem que era uma meninazinha de 8 anos que deve estar com uns 15 agora e que era apaixonada por um dos cantores. Ela mesma interagia com a Lucy, porque ela é do teatro. Aí foi mesmo em 1990 que resolvemos fazer um programa específico do grupo Y e fizemos a eleição através dos ouvintes, foi um ouvinte que sugeriu. A outra modificação foi a modificação do horário, que só mudaria se também aumentasse o tamanho do programa, no caso para 2 horas, porque eu disse: olha, é muita informação, muita coisa e as pessoas concordaram. (Por que sua escolha foi do grupo Y?) Porque eu sempre gostei do grupo Y, eu gosto de música brasileira também, música sendo boa pra mim não tem páreo. Como também havia o interesse pelo inglês juntamente com a A*, que é professora de inglês, aí a gente foi criando.

M – E desde quando essa reunião vem acontecendo?

P – Eu entrei, comecei a participar aqui em 1995, 1996, mas o programa já tinha antes, não sei desde quando. Eu assistia algumas vezes e um belo dia eu liguei dizendo que tinha um disco que eles falaram que ninguém tinha e eu tinha, vim aqui, me chamaram e comecei a conversar com eles e a me entrosar.

NA – Eu to montando lá em casa um home theater e, de vez em quando, a gente fazia umas sessões, e quando terminar lá a gente vai fazer essas sessões, quem quiser ir eu creio que vai ser legal. É uma televisão de 52 polegadas, um home theater 5.1, eu vou ficar doido! A gente adora essa tecnologia não no sentido consumista, mas ouvir outras possibilidades nas músicas do grupo Y.

M – E existe alguma agenda de atividades que vocês participam ou seguem além aqui da rádio, que é todo o sábado, de 18 às 20 horas?

P – Nós somos chamados, às vezes, para programas que falam do grupo Y, para mesas redondas e nós temos uma festa, uma confraternização dos adoradores do grupo Y, todo fim do ano na concha acústica, onde a banda de um de nossos amigos e também fã toca. Já ta ficando grande demais o evento. A concha acústica já é pequena pro evento. O interessante é que quem vai são os ouvintes, pessoas que gostam do grupo Y e nunca teve policiamento e nunca teve briga, mas é coisa de 10 mil pessoas, 5 mil, e não tem confusão. É muito bom, todo ano a gente tem essa festa, entrada franca, tudo de graça, uma beleza. Uma confraternização mesmo. O período que geralmente acontece é entre Natal e Ano Novo, uma comemoração do programa. Agora existem outros eventos, no BNB Clube, onde nosso amigo toca com a banda e aqui acolá a gente vai também, tem uma mesa redonda lá no Centro Cultural do BNB que a gente vai também. Querem falar do grupo Y a gente vai, por exemplo, o aniversário de morte de um dos cantores, faz um programa sobre ele e acaba sendo chamado também para falar do assunto. Um dos cantores que eu gosto realmente tem uma dimensão acima da música, né, uma dimensão pacifista, então ele é lembrado todo ano na morte dele com eventos paralelos.

M – E por que houve a necessidade de criação desse grupo? E por que você teve a necessidade de participar desse grupo aqui?

P – Na realidade, eu nem sei se seria necessidade, é mais um prazer, porque eu assistia e liguei pro programa e eles me chamaram para vir aqui mostrar o material que eu tinha, que é um material inédito e eu fui me aproximando, mas não é necessidade, existe um prazer. Realmente o pessoal aqui a gente criou uma amizade, logicamente a gente não conversa só do grupo Y, mas o tema central é este. Nós também temos alguns eventos no mundo, como por exemplo, eu já estive duas vezes na cidade natal do grupo, na semana que é voltada para eles, é uma semana que só se fala praticamente no grupo Y, tem umas 180 bandas do mundo todo tocando as músicas deles lá e tem leilões de memória, de material tanto pirata como sem ser pirata. É muito interessante e sempre aqui acolá tem alguém que vai do programa e a gente já fez inclusive um flash na hora do programa de lá pra cá, é interessante.

NA – Eu uni o útil ao agradável, era a programação da rádio, eu era o locutor e eu sempre gostei da música do grupo Y. As diretorias foram aceitando e foi implementado.

M – E como é que você se sente pertencendo ao grupo aqui da rádio?

P – É aquilo que eu disse, é o prazer de estar aqui falando daquilo que a gente gosta, da música que a gente gosta, de estar passando pros outros, porque às vezes não têm acesso ao que a gente tem e as pessoas estão ligando, gostando e é como eu lhe disse, é um prazer. (Emoção?) É, quando os elogios às vezes vêm e a gente sente que são elogios sinceros, a gente realmente fica muito feliz – quanto aos ouvintes. A turma liga muito perguntando sobre o material que a gente toca, isso é bom e acaba vindo ouvintes aqui, tem dia que aqui tá cheio de ouvintes. A gente convida os ouvintes para vir e foi assim que eu vim.

NA – A gente faz isso aqui por diletantismo, porque gosta, as pessoas vem pra cá porque gostam, cada um tem sua profissão, suas atividades, mas deixam o convívio da família pra vir pra cá e, de repente, se tornou outra família por causa da música. Quando a gente vai na sexta-feira no BNB ouvir a banda é a mesma coisa, são outras pessoas que não participam do programa mas que ouvem a gente nos sábados. Muitos são ouvintes que estão lá e quando a gente chega, quer dizer, acho fundamental porque somos um dos poucos estados do Brasil que tem uma banda e um programa e quando dizemos que no Ceará temos isso eles ficam, assim, encantados. Eu conheci o fotógrafo oficial do grupo Y na temporada que eles passaram na Índia em 68, a gente fez uma convenção lá nos Estados Unidos, dos fãs de todo o mundo, ele falou: - Como que pode? Lá fora nem sabiam que aqui se falava português, pensavam que era espanhol, e a mulher dele ficou envaidecida de saber que no Brasil existe um programa que dedica 2 horas para falar do grupo Y. Inclusive ficaram com o endereço da rádio e disseram que iam ouvir.

M - Qual a representação do grupo Y para você?

P – Na realidade, eu acho que é o fato da gente ler muito na adolescência sobre o grupo Y e música sempre foi um tema que eu gostei e este grupo era diferente dos outros, eram melhores que os outros. Realmente, como se diz por aí que Schubert é um clássico, mas era popular na época, do jeito que Bach é clássico na época era um popular. Então no século XX só vai ficar o grupo Y daqui a 200 anos, e a gente já tem mais de 50 cds de orquestras sinfônicas e filarmônicas tocando eles, eles já são tratados de uma maneira eruditamente. Os próprios músicos do Ceará, como o Nonato Luiz, lançou um disco do grupo Y que fez muito sucesso no mundo pra turma que realmente curte a música de qualidade. Então todos esses grandes músicos geralmente lançam discos com musicas do grupo Y. (Mas que características do grupo Y você realmente admira?) A criatividade realmente, o talento. O grupo Y teve a sorte de juntar três grandes compositores, então a gente se sente bem ouvindo musica de qualidade de quem a gente sabe que tem talento. As letras, as músicas, a harmonia, o estilo de vida, o estilo de dar entrevistas, tudo me cativou, a verdade é essa.

NA – É uma coisa que é ligada diretamente à vida da gente, então essa paixão, dos fãs, é pela questão da música. Também coleciono muitos livros, tudo que sai agora pela internet também facilitou bastante. (E antigamente, como era para colher informações?) Antigamente era pelas viagens e pela ligação que temos com os fãs-clubes do mundo todo, aí sim tem uma ligação direta. Principalmente no Japão e Austrália, e eles mandam material pra gente e repassamos as informações. Eu acho que o sucesso do programa se deve a isso, a união das pessoas, tudo é feito democraticamente, é pelo prazer e acho que é mais ou menos por aí. Somos ligados aos orkuts de todos eles que

falam do grupo Y. Nos shows, por exemplo, já tem netos de fãs antigos que estão escutando. Bem, mas o grupo Y representam pra mim o que melhor existiu no século. A gente não é saudosista, pois se aparecer coisa melhor a gente vai gostar também, mas até agora é praticamente impossível aparecer. (Melhor como?) Pra mim as harmonias, as melodias e os vocais, e o grupo Y tinha a vantagem de que todos os quatro cantavam. A outra vantagem é que nenhuma música é parecida com a outra, nenhuma música usaram o mesmo instrumental que a outra. É criatividade, questão de gênio, tanto que agora na cidade deles foi criado um mestrado para os admiradores deles. Se você quiser ser um fã com título vai ter o curso a partir de setembro.

P – É verdade, o grupo Y durou apenas 8 anos e ainda permanece sendo o mais vendido do mundo.

A – É aquela coisa, eles enriqueceram muito minha vida em termos culturais, eu fiquei muito apaixonada pela língua inglesa, seria muito difícil dizer, porque eles chegaram e eu era muito nova. Como depois veio também a Jovem Guarda, Roberto Carlos, e a música sempre foi uma coisa muito presente lá em casa, o rádio tocando direto, eu ouvia boleros também, mas eles foram, digamos, uma tsunami. E como sempre dizem ‘grupo Y é cultura’, e eu fui estudar as letras, as expressões idiomáticas e eu aprendi o inglês muito rápido e acabei indo ser professora de inglês. Então eu devo muito disso a eles, a paixão pela língua. E havia toda essa coisa, depois você vai estudar as vidas dos caras, e enriquece, embora, como lhe disse, sou apaixonada por muitos artistas. Se tirassem esses artistas da minha vida, os cds, o que eu tenho, a vida com certeza seria bem mais pobre.

M – Existe algum contato entre você e seu ídolo?

P – Eu já fui ao show de um dos cantores do grupo duas vezes no Brasil lá no Maracanã e no Pacaembu, contato mesmo não, mas houve o prazer em estar assistindo ao vivo. O único visto mesmo foi um deles. Depois da morte de um deles o grupo Y se trancou muito, difícil de se aproximar, porque este cantor foi morto teoricamente por um fã e isso apavora os outros membros, eu acho. Outro deles, antes de morrer, foi assaltado também por um fã, foi uma pessoa que não tinha nada a ver, pessoa comum, foi lá e entrou e o esfaqueou. Então eles têm medo de se expor.

NA – Eu sou inscrito no site oficial do grupo Y, então qualquer comunicação que eles mandam pro mundo eu recebo. Quer dizer, eu diria que é uma relação virtual. Todas as novidades, lançamentos, eles mandam um email direto pra gente.

A – Um dos cantores teve aqui em 1979, em São Paulo e Rio, e eu estava no Rio passando férias com a família, não consegui vê-lo no Rio, peguei o ônibus e fui pra São Paulo e o vi lá, estive com ele três vezes, e quando ele voltou pro Rio eu já tinha voltado pro Rio eu já tinha voltado e consegui vê-lo no aeroporto internacional. Falei com ele, tiramos fotos, eu e uma amiga minha que tem ele como seu favorito. Lamentavelmente morreu de câncer, fumou muito e partiu em 2001. E o outro, em 83, quando fui ao país deles, fui fazer um curso e consegui vê-lo em frente ao estúdio. Estive com ele em dois momentos, dei umas castanhas de caju pra ele, dei dois beijos no rosto dele, muito engraçado, dei cartões postais do Ceará que eu tive medo de não conseguir esconder a emoção, embora eu já tivesse visto outro deles, porque há uma emoção muito grande (O

que você sentiu?). Ah!! Impossível transcrever isso, você como psicóloga deve saber melhor do que eu, não dá pra transcrever, como diz o Roberto Carlos são muitas emoções! Não dá, foi uma alegria muito grande. Só muita alegria, aqueles momentos da vida da gente, como existem outros maravilhosos com ilustres desconhecidos, com pessoas que a gente não é fã e que marcam muito. Então ele foi muito acessível, não foi boçal, como o colega dele. De repente é um homem adorado no mundo inteiro, não pode andar nas ruas. Até hoje quando eles são reconhecidos eles têm que correr – apenas dois são vivos. Então foi uma alegria muito grande. Eu nunca tive nada assim de sexual com cantor 1 e o cantor 2 de ahh, não... A paixão maior foi o cantor 3 e até hoje, se eu tivesse de ter algo assim de dar uns beijos na boca e agarrar seria o cantor 3. (Por quê?) Tem um nariz muito grande, os olhos azuis, uma figura incrível, também não posso explicar por que foi ele que me chamou a atenção. E tem uma personalidade muito simpática, as pessoas do meio artístico se encantaram com ele. Todos são muito acessíveis, um não gostava muito da fama, outro se escondeu um pouco depois que ficou de casar e o cantor 3 parece que foi o que se deu melhor com a fama e é muito receptivo com os fãs. Ele eu consegui ver em 2006, em Chicago, mas infelizmente não consegui chegar perto. Foi uma emoção muito grande, os olhos encheram de lágrimas, porque queria ter visto bem antes e não consegui. Tentei vê-lo também em 83 em seu país, fui pra porta da mansão dele, deixei castanha de caju, deixei uma cartinha pra ele... Mas em 2006 eu fui, ganhei o ingresso de uma amiga americana e eu ia visitar minha família americana. (Diz a data do show, saudosista e se lamentando de não tê-lo visto). Essa entrevista que você está me fazendo eu gostaria de fazer com ele, estar perto dele, mas se Deus quiser eu ainda vou ter essa chance. O cantor 3 é um ídolo pelo aspecto de se cuidar, gostar da vida, de ser pra cima, porque ele nunca teve essa coisa de depressão, se teve nunca apareceu como esses outros artistas. Ele é formidável, como outro deles, que apesar de todas as barras é uma pessoa muito pra cima, então ele tem isso, de dizer pros jovens que um dia nós tomamos drogas e hoje estamos aqui.

M – Por que é importante este grupo para você?

P – Eu acho que a importância aqui é a troca de informações, quando aparece coisa nova, porque no grupo Y sempre aparece coisa nova, não tem fim, eles produziram demais, embora tenham produzido poucos discos, mas o pessoal vai atrás, apesar da pirataria, e a gente sempre entra em contato sempre que a gente sabe de alguma coisa. Então a gente tá sempre atualizado com o que está acontecendo no mundo em matéria de grupo Y. As notícias que vêm, quem ouve notícias traz pra cá pro programa. Eu gosto do grupo Y, sempre li e acho que eles têm um valor intelectual.

NA – É o alimento da alma. Eu digo que se deve procurar algo para alimentar o espírito, porque aqui a gente conta piada, tem o futebol também, é como uma terapia coletiva, entendeu, porque certamente em outro local você não teria como conversar suas angústias, por exemplo: rapaz, eu tenho um disco assim, que tu acha, vamos ouvir, e tal. Se você tem só pra você fica com a coisa isolada, aqui não.

A – O grupo Y é uma cachaça, uma cachaça positiva.

M – Qual tipo de relação existente entre os colegas do grupo?

P – Fora daqui a gente vive mundos diferentes, a gente praticamente só se encontra aqui. Lógico que a gente tem o telefone, mas não existe relação fora daqui, é basicamente aqui.

NA – Bem, eu acho que a amizade acima de tudo, as pessoas que vem pra cá tem essa perspectiva de serem parceiros e manter viva e ouvir as músicas do grupo Y. A gente troca tudo aqui, por exemplo, algum material que é caro, a gente compra uma matriz, copia pros outros e sorteia o original depois. Tem sempre esse caráter.

P – O que eu falei há pouco é que existe um prazer em passar pro outro, porque tem gente que gosta de guardar e esconder, se um tem aqui todos tem.

A – Aqui é uma amizade muito boa puxada pelo NA*, é uma curtição isso aqui, é um clube, que não é do bolinha nem da luluzinha, entra de tudo.

M – Qual a filosofia do grupo?

P – O programa é dividido assim: a primeira hora é dedicada a lançar uma obra do grupo Y, pode ser um disco que fez 10 anos, um que fez 5, aniversário de morte, daí faz-se um programa, então a primeira parte do programa é de algum evento importante. A segunda parte tem vários quadros, tem grupo Y cover, músicas tocadas por outras pessoas e eu tomo conta dessa parte, tem também a carreira solo, que são as músicas dos grupo Y individualmente, depois que eles se separaram e eu também faço essa parte. Tem notícias, o grupo Y News, o Influencia, daqueles que tiveram influência e também tem a ligação dos ouvintes, onde no final do programa respondemos o que eles nos perguntam. A gente sempre procura sobrar um tempinho para atender os ouvintes. Ver por outra a gente começa pelos ouvintes que pedem as músicas tradicionais e a gente acha é bom, pois quase nunca ouve, pois estamos sempre preocupados em trazer as novidades.

NA – Dividir a emoção de conhecer mais a obra do grupo Y. Filosofia é a da amizade, do companheirismo, as pessoas que estão aqui são imbuídas desses sentimentos, de fraternidade, igualdade, liberdade (Bem parecido com o grupo Y, né?), sim bem parecido. Aqui somos fanáticos pela música, não pela pessoa. Porque tem gente que acha que eles são deuses, como os fãs do Elvis. Ao contrário, tanto que teve um livro lançado recentemente que o autor traz suspeitas da questão da sexualidade de um dos cantores e isso não acrescenta nada pra gente. Queremos perceber que o que ficou pra humanidade foi a música. Eu abomino esse tipo de informação.

M – O que é preciso para que uma pessoa se associe ao grupo?

P – É só chegar aqui, tem ouvinte que tem 3 meses que está vindo, ta participando e gosta, vem só pra ouvir. Tem uma que vem e nos ajuda anotando o que os ouvintes querem saber, então ela fica de telefonista. Basta gostar do grupo Y.

NA – É só chegar aqui, a pessoa demonstrar ser alguém que goste, compareça.

M – Já houve algum conflito? De algum fã participante, alguma pessoa que veio?

P – Sim, de pessoas que estiveram aqui com a gente e houve brigas, brigas assim, por pensar de um jeito, o outro pensar de outro, mas eu me dou bem com os que saíram e com os que continuam. Os que estão hoje aqui estão bem, mas já houve quem saísse, não deu certo ficar aqui. Era mais problema de ego, as pessoas querem aparecer muito, nem sei, problemas de querer ter razão em algumas idéias. São egos diferentes que por vezes não se dão bem, eu acho.

NA – Já houve pessoas que usam de artifícios, coisa de pessoa que não é amiga, quer se aproveitar. A gente aqui paga pelo que temos e teve umas que não queriam fazer assim, então eram personas non gratas.

M – Cite com 3 palavras o que seu ídolo representa pra você.

P – É difícil. Uma vez um ouvinte ligou e perguntou quem é melhor, o 1 ou o 2 e eu disse: olha, o 1 era gênio e o 2 genial. A diferença era basicamente essa.

NA – Rapaz, é difícil... em três palavras? Eu diria que é uma música que vai permanecer ao longo do tempo. Emoção, sentimento e talento.

ENTREVISTA FÃ-CLUBE 'BRILHO INTENSO'

1) Como surgiu o fã-clube (o processo de criação)? Desde quando? Quem teve a idéia?

O: O fã-clube é nacional, mas tem sede em Fortaleza. Quanto à sede, é um sítio particular que nasceu de uma vontade própria de prestigiar o cantor Z. Já existia o nome da sede antes de eu me unir aos colegas. Nunca imaginei chegar onde chegou, as coisas foram acontecendo e deu isso aqui que você tá vendo. Minha união aconteceu pelo trabalho, um funcionário meu sabia da minha admiração pelo cantor Z e queria me dar alguma raridade. Até que ele foi ao encontro do G. e comprou um disco dele que eu não tinha. Com isso, G. se interessou em me conhecer, porque ele também era fã do cantor Z. (Ri) Ele vendeu disco raro para comprar minha amizade. Daí em diante, acabou que G. fechou a loja que tinha e passou a trabalhar comigo. Nós tínhamos muito material e resolvemos junta-los, unir o acervo. Tudo que temos ou conseguimos vem pro sítio, mas claro que os originais ficam em casa, tudo é duplicado, senão pode apagar as fotos. Não houve norma, foi tudo espontâneo. O importante é ter interesse e gostar. Aqui você se faz participante. Então em 1990 tudo isso começou. A idéia foi mútua. E as pessoas que fazem parte do grupo costumam vir por aqui.

F: Nosso fã clube já teve uma fase virtual, uma fase real, e estamos numa fase atemporal. Já tivemos cadastramento de sócios, newsletters, revistas, sites, etc. Não há tempo nem disponibilidade financeira para bancar isso e nem queremos envolver dinheiro nessa paixão, portanto decidimos ser um fã clube sem sede, sem cadastros e sem obrigações. Temos um grupo de pessoas, de aproximadamente 10 a 20 integrantes que normalmente organizam as festas, e os encontros informais. Fora isso, não há dados precisos. Estimamos em cerca de 500 pessoas que é o número aproximado de pessoas que participam de nossas festas.

2) Existe alguma agenda de atividades que os membros do grupo participam ou seguem?

O: Existe um programa aos domingos sobre o Rei, semanalmente. Quando é preciso a gente participa, porque quem coordena é um diretor regional do fã-clube. Também tem duas datas que nos reunimos: o aniversário do cantor Z e o show que ele faz em Fortaleza, quase todo ano. Este ano já tem data: 06 de junho. O local desses encontros é

variado, restaurante, barzinho, etc. Quando um sabe novidades, a gente troca informações.

F: Temos um site na internet que publica diariamente um clipping das notícias que circularam na internet (ou de fontes pessoais) sobre o cantor Z. Temos também dois programas de rádio, um aos sábados entre 16 e 18 horas que vai ao ar pela FM1, e outro aos domingos de 7 as 10 da manhã pela FM2. Sempre organizamos duas festas ao longo do ano, uma no dia do aniversário do cantor Z (19/04) e outra no Dia Nacional do cantor Z (08/12). Eventualmente marcamos encontros entre uns poucos amigos para ouvir as músicas, comentar sobre a carreira dele e beber um pouco também.

3) Por que teve a necessidade de criar o fã-clube?

O: Por conta de ter oportunidade de lazer com pessoas que tem o mesmo objetivo. Quanto maior a comunicação, mais forte fica o movimento de se aprofundar no cantor Z.

F: Não houve uma necessidade, houve um conjunto de solicitações. Esclarecendo. Tínhamos um site na internet, idealizado pelo meu amigo BB*, que mora no Rio de Janeiro e que ajudei a construir. O site foi o primeiro grande ponto de encontro de fãs na internet, e muita gente pediu para criarmos um fã clube reunindo todas aquelas pessoas que ali visitavam. Criamos então um fã clube virtual. Expedimos carteirinhas pelos Correios, tínhamos o cadastro básico de cada um etc. Fizemos duas edições da revista do fã clube, e também enviamos a cada associado, tudo isso sem custo algum para os sócios. Não cobramos taxas, nem valores periódicos. Algumas pessoas se conheceram daí, e formaram núcleos de amigos reais nas suas localidades, que foi o que aconteceu aqui no Ceará. Um tempo depois decidimos descontinuar o fã clube virtual, e ficaram aqueles membros locais fazendo suas ações de promoção do cantor de forma isolada. Como eu era um dos organizadores do site e um dos mais conhecidos, virei um pólo de aglutinação de pessoas, que continuam entendendo nosso trabalho como o trabalho de fã clube, porém, eu mesmo me questiono se o rótulo ainda cabe no produto.

4) Como você se sente pertencendo a um fã-clube?

O: Extremamente realizado. Eu me entendo por fã desde que me entendo por gente. Em 1961, a música “1” foi muito marcante pra mim. Eu tinha 13 anos. Aí em 1962 explodiu “2”.

G: É motivo de muita felicidade, porque é onde a gente se realiza, relembra a época, o que a gente fazia, o que trazia de bom pra gente. Não sei ficar sem ouvir as músicas dele em casa. Cada música representa uma parte da minha vida. Aqui tem até um canto que a gente pode ir chorar à vontade, se emocionar.

O: É, são memórias que com certeza lembram fatos da vida, como o amor da esposa, namorada, da mulher, do pai, da mãe, filhos, netos. Seja amor carnal, paixão, fraterno, etc. a emoção reaviva.

F: Como tudo na vida existem os prós e os contras. Conheço muitas pessoas apaixonadas pela obra do o cantor Z, viramos amigos, e chegamos a manter um relacionamento relativamente freqüente. Por outro lado, ocorre muita crise de ciúmes entre os membros, há vaidade e isso afasta amigos que foram unidos pela paixão de uma obra artística. Também há uma parte da mídia que ainda tem uma visão obtusa de fã é um tipo esquisito e maluco, quiçá perigoso, quando existem fãs que têm um posicionamento absolutamente sereno e com um firme propósito de preservar uma parte da história de nossa cultura.

5) Qual a representação do seu ídolo para você?

O: Tudo. Como diria minha esposa, “ela é fã e eu fanático”. A minha mulher já me conheceu gostando do cantor Z e minha vida se desenvolveu vinculada às coisas dele. A minha mulher e meus filhos absorveram bem essa minha paixão, isso é importante, essa coisa do sentimento familiar. Sinto admiração pelo fato da música dele se encontrar em minha existência. Não acho o que eu sinto exagerado, satisfaz, nunca houve dificuldades, pelo contrário, só alegria.

F: O cantor Z é meu ídolo por cantar aquilo que sinto, que entendo como modelo de conduta, e é também meu ídolo por seu posicionamento fora do palco, sempre preocupado com sua imagem, e em transmitir bons valores.

6) Existe algum contato entre você e seu ídolo? Que tipo, se for sim?

O: Sim, encontrei algumas vezes com ele. A primeira vez foi um ano depois da minha ida ao programa do Jô Soares e que me deu uma satisfação imensa porque ele me pôs ao vivo para falar com meu ídolo. Ele já tinha conhecimento de mim. Foi um momento extremamente feliz para os amigos e para minha família que acompanhava na televisão. Aí, no show que veio fazer em Fortaleza depois disso, houve contato direto da produção dele comigo. Foi uma surpresa, um momento raro, indescritível. Fiquei mudo. Ele é

aberto e brincalhão, procurou descontraír. Aí consegui relaxar. Fora de série! No total acho que foram 4 vezes, sempre após os shows, contatos rápidos. O tempo do cantor Z é precioso.

G: Pois eu não quero encontrar o cantor Z. Geralmente assusta a quem ouve, sempre evitei. É que eu já ouvi uma história de um fã do Jerry&Adriani que quando os encontrou teve uma decepção enorme e eu não quero perder o encanto por meu ídolo. Não vou procurar porque ele é meu ídolo, não quero ele como meu amigo, porque perde o encanto.

O: Concordo. Eu tinha esse mesmo temor, tinha medo de cair a idealização. Perde o encanto é da maneira da recepção, sei lá, de poder ser recebido friamente. Ele me chamou pelo meu nome, isso marcou, porque eu não tenho um nome comum.

G: Eu vou pro show dele ouvir ele cantar e não para falar com ele. Ídolo significa uma realização da minha vida. Pra você ter uma idéia, não há homenagem no mundo, repito, no mundo, pra nenhum artista, como a que existe aqui na sede.

F: Não há contato.

7) Como é a relação/que tipo de laço existe entre os membros do fã-clubes?

O: Amizade e também profissional, pois trabalhamos juntos. Mas fora daqui nos falamos pra fazer um passeio, nossas esposas se dão bem.

F: Entre 10 e 20 pessoas se tornaram amigos que mantemos contato com regularidade e que freqüentamos a casa uns dos outros.

8) Qual é a importância do fã-clubes para você?

O: Uma realização, justamente porque estamos falando de quem gostamos e admiramos. É uma satisfação pessoal, gratificação pessoal e reconhecimento.

F: É saber que você não está sozinho, que não está pregando no deserto.

9) O que é uma pessoa faz para se associar ao fã-clubes?

O: É só vir todos os finais-de-semana para sede e gostar do cantor Z. As pessoas vão chegando, mas tem que avisar, claro. Geralmente todo domingo estamos aqui, desse jeito que você está vendo: família, alegria, as músicas tocando, sempre assim. Lamento não ter feito livro de presenças, porque teria um número muito grande de visitantes e, alguns, ficam conosco.

F: Não há regras de associação. Não há estrutura hierarquizada. Gostou do cantor Z, já faz parte do fã clube.

10) Existe alguma filosofia do fã-clube?

G: Existe: gostar do cantor Z. Não venha sem gostar. Não tem regra, apenas isso. A gente também sempre vai pros shows uniformizados, caracterizados, geralmente com blusas que tenha a foto dele. Não é uma blusa padrão. Alguns optam pela roupa tradicional que ele usa.

O: A gente procura imitar o ídolo, sendo que hoje, mais maduros, há uma restrição. Na época de 70, 80 era normalíssimo imitar na maneira de falar, vestir. Até hoje eu ainda falo uma gíria usada pelo cantor Z.

G: O cantor Z é espelho pra nós, tudo que ele usou, nós usamos, tudo que ele parou de usar nos paramos, como o cachimbo. Ele só faz coisa boa, nunca se envolveu em escândalo, nunca usou drogas.

F: Bom senso.

11) Existe algum tipo de conflito entre os membros do grupo?

O: Normalmente, não há. Quando existe qualquer discussão sobre algum ponto em que discordamos, a gente chega a um acordo.

F: Há pessoas que se aproximam do fã clube com interesses pessoais de promoção, seja na mídia, seja próxima ao ídolo. Não somos essa ponte. Não pretendemos ser. Gostamos da obra do artista, e espontaneamente a divulgamos e nos aproximamos daqueles que compartilham conosco. Quando os interesses são outros, simplesmente isolamos. Isso às vezes gera desconforto para ambas as partes. Existe também o ciúme. Tão certo como o amor que todos sentem pelo mesmo ídolo, é o fato de surgirem grupos que se sentem enciumados, seja porque tem pouco acervo, ou pelo contrário, quando têm muito acervo, o que normalmente ocorre é que os egos inflam e como crianças querendo chamar a atenção dos pais, os fãs fazem bobagens querendo mostrar que amam mais que os outros, e isso normalmente provoca rupturas e/ou arranhões. Uma pena.

12) Cite com três palavras o que o ídolo representa para você.

O: Meu rei, minha vida.

G: Meditação sobre o bom da vida. Resumir é muito difícil.

F: Lágrimas azuis: felicidade.

